

NOV-DEZ 2016

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 13,80



OS DESAFIOS DA LIDERANÇA



Repense sua liderança



Wellington de Moraes

Há pouco tempo, enquanto lia um livro sobre liderança, um subtítulo chamou minha atenção: “O que faz um líder ser líder”. A partir da leitura daquela porção, fui levado a refletir sobre o que faz de nós líderes na igreja de Deus. Considerando as ponderações do autor, comecei a pensar nos grandes homens do relato sagrado e, num exercício de reflexão, parei para extrair da história do maior líder da igreja apostólica, algumas lições que podem servir para repensarmos nossa liderança ministerial.

Uma breve análise da vida e do ministério do apóstolo Paulo aponta para as três qualidades básicas que identificam um líder na causa de Deus. A experiência dele ilustra essas qualidades e nos ajuda a avaliar para saber se, de fato, estamos aptos para estar à frente da comunidade de fé que deseja preparar-se para habitar no Céu.

Em primeiro lugar, o líder precisa identificar o *chamado de Deus*. Para Paulo, essa foi uma experiência marcante, que envolveu um encontro pessoal com o Cristo ressurreto na estrada de Damasco. Ao comissionar Ananias para a tarefa de restaurar a visão de Seu novo apóstolo, Jesus declarou que Paulo era “um instrumento escolhido” para cumprir a missão. Somos servos a serviço do Senhor, escolhidos para proclamar Seu nome, ainda que isso implique sofrimento. Por esse motivo, o apóstolo da graça sofreu de diversas maneiras e, apesar disso, pôde dizer: “Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma” (2Co 12:15). Como pastores e líderes, estamos preparados para repetir essa afirmação, com base na certeza de nosso chamado?

A segunda qualidade encontrada em um líder cristão é a manifestação de um *caráter semelhante ao de Cristo*. Paulo exortou corajosamente os cristãos quando disse: “sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1). Longe de ser uma afirmação pretensiosa, é um desafio para que os fiéis aperfeiçoem o caráter de tal maneira que se tornem praticantes da abnegação e do amor que Jesus demonstrou em Seu ministério. Como líderes, não podemos nos esquivar da responsabilidade



Sempre é tempo de repensar nosso ministério, e decidir fazê-lo melhor.”

de ser exemplos “na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza”. Matthew Henry disse com razão que “um pregador pode instar suas admoestações com ousadia e autoridade, quando pode reforçá-las com seu próprio exemplo”. Como ministros, temos autoridade para exortar os membros da igreja para que sejam nossos imitadores, como temos sido de Cristo?

O último ponto que caracteriza um líder cristão é a *aptidão funcional* que o capacita a liderar. O currículo de Paulo o recomendava aos mais altos escalões do fariseísmo de sua época. Quando se tornou cristão, ele aplicou todo o seu conhecimento a fim de que o evangelho fosse pregado ao maior número de pessoas. Mesmo encarcerado, o apóstolo erudito mantinha a preocupação de continuar crescendo intelectualmente (2Tm 4:13). Ele exortou Timóteo a manejar bem a “palavra da verdade” e a aprofundar-se no conhecimento das “sagradas letras” que nos tornam sábios para a salvação. Refletindo esse conceito, Ellen White escreveu: “Um pastor nunca deve julgar que já aprendeu bastante, podendo então ‘afrouxar os esforços’. Sua educação deve continuar por toda a vida” (*Ministério Pastoral*, p. 45). Estamos nós, líderes, crescendo em aptidão para melhor servir à igreja?

Talvez, ao avaliar essas três características, alguém tenha percebido que está em falta em relação a alguma delas. É possível haver aquele que não tenha mais tanta certeza do chamado quanto tinha ao decidir abandonar tudo e se entregar à missão. Outro pode concluir que seu caráter está muito longe de se assemelhar ao amoroso caráter de Cristo ou que está aquém das aptidões que se requerem de um pastor à frente do rebanho. Se alguém se sentiu assim ao ler este texto, lembre-se das palavras de Paulo ao desanimado líder Timóteo: “Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti” (2Tm 1:6). Não nos deixemos desanimar por aquilo que pode ser um desafio em nossa liderança. Sempre é tempo de repensar nosso ministério, e decidir fazê-lo melhor. **WM**

Wellington Barbosa
Editor

10 Antigas funções, modernas ideias

Elias Brasil de Souza

O que sacerdotes, reis, profetas e sábios podem ensinar aos líderes de nossos dias

14 Coração de aprendiz

Ainsworth Joseph

Saiba aproveitar as vantagens do mentoreamento leigo em seu ministério

17 Líderes imperfeitos

Glenn Townend

Como reagir quando você é afetado por uma liderança falha

20 Homens de atitude

Moisés Móra

A conduta do líder é um diferencial de sua liderança

22 O Verbo de João

Milton Torres

Um estudo a respeito das origens do termo *logos* no evangelho joanino

28 Livres para crer

Helio Carnassale

A bandeira da liberdade religiosa deve ser defendida pelo ministério pastoral

2 Editorial

4 Palavra do leitor

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

32 Além das fronteiras

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 88 – Número 528 – Nov/Dez 2016
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor

Wellington Barbosa

Editor Associado

Márcio Nestrini

Assistente de Editoria

Milenna Vieira

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

Sergey Nivens / Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Lucas Alves; Jerry Page.

Colaboradores

Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cláudio Leal; Cristhian Alvarez; Edilson Valiente; Edmundo Ferrufino; Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Mitchel Urbano; Montano de Barros; Rodrigo Cárcamo; Rubén Montero.

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita
do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5972 / 35232

Entrevista

Oportuna, esclarecedora e corajosa a entrevista do Dr. Russell Burrill a respeito dos dons espirituais, publicada na última edição da *Ministério*. Oportuna pelo fato de que a maioria da liderança e dos membros ignora o assunto. Esclarecedora porque destaca a importância de se descobrir por qual ministério a pessoa é apaixonada, ao invés de promover intermináveis seminários para descoberta de dons. Corajosa por afirmar a verdade de que não há nenhum texto na Bíblia que mencione que alguém deve ser contratado para cuidar dos membros. O cuidado dos membros é tarefa de todo crente. Se nós como igreja pusermos em prática essas ideias, sem dúvida ocorrerá uma segunda Reforma.

João Antônio Machado de Almeida
Tatuí, SP



Sugestão

Apreciei a edição de setembro/outubro da *Ministério*, pois os artigos de alto nível são oportunos para o momento em que estamos vivendo. Destaco o texto do Dr. Adolfo Suárez, "Além da Teoria" e o do professor Leandro Velardo, "Paulo e a Lei". Aproveito também para sugerir que mais de um artigo com ênfase teológico-doutrinária seja incluído em cada edição. Por fim, parablenizo a equipe editorial pelo fato de abordar assuntos práticos da vida pastoral, o que ajuda muito aqueles que estão na "linha de frente" do ministério.

Wagner Aragão
Taguatinga, DF

Dons Espirituais

Muito apropriada a edição da *Ministério* sobre dons espirituais. Embora em certo sentido seja mais fácil identificar os dons, envolver a maioria dos membros em ministérios que correspondam a esses dons realmente tem sido o maior desafio no contexto local. Além disso, os temas e o conteúdo dos demais artigos foram muito relevantes e úteis em meu estudo pessoal e ministério pastoral. Gostaria de sugerir também que, com certa frequência, a revista abordasse temas relacionados à vida conjugal e aos desafios da paternidade na era pós-moderna.

Filipe Canarin
Erechim, RS

A grande virtude da última edição da *Ministério* foi motivar pastores e líderes à ação, a fim de estimular a transformação de cada membro da igreja em um ministro do Senhor. Para que isso ocorra, é necessário conhecer a teologia do ministério de todos os crentes (1Pe 2:9), a função dos dons espirituais (Ef 4:11) e o papel do pastor na condução do discípulo em suas congregações. Caso consigamos alcançar os desafios propostos pelos articulistas, criaremos, pela graça de Deus, uma revolução no adventismo moderno.

Ribamar Diniz
Breves, PA

Errata

No artigo "Uma luz menor" (set/out 2016), a nota 7 está com a bibliografia equivocada. A referência correta é Ellen G. White, *O Colportor-Evangelista*, <egwwritings.org>, p. 125.

Expresse sua opinião. Escreva para ministerio@cpb.com.br ou envie sua carta para Ministério, Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Tatuí, SP.

As cartas publicadas não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editadas por questão de clareza ou espaço.



 revistaministerio.com.br

 [revistaministerio](https://www.facebook.com/revistaministerio)

 [@MinisterioBRA](https://twitter.com/MinisterioBRA)

Em busca de uma igreja

No último mês de agosto, o Pew Research Center divulgou uma pesquisa intitulada *Choosing a New Church or House of Worship*, revelando alguns detalhes a respeito do comportamento cada vez mais fluído dos norte-americanos em relação ao local e à denominação em que congregam. O estudo concluiu que quase metade dos adultos do país já procurou outra igreja para frequentar, que 48% das pessoas consideram a possibilidade de

mudar de religião ou denominação no processo de mudança e que 59% dos jovens com menos de 30 anos utilizaram informações *online* para buscar um novo lugar para congregar. Apesar de os dados refletirem a condição dos Estados Unidos, eles servem como parâmetro de comparação para que pastores e líderes religiosos da América do Sul atentem para comportamentos similares nessa região.



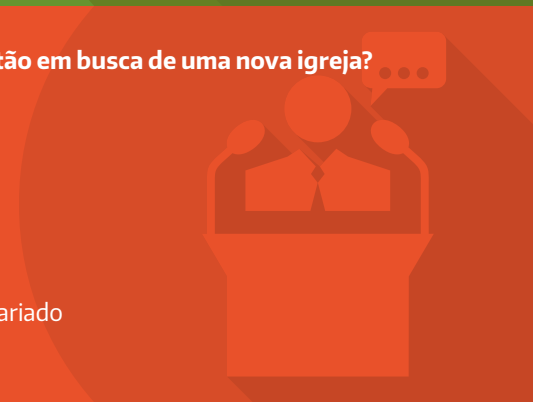
Por que eles procuram uma nova congregação?

- 34% – Mudança de endereço
- 11% – Casamento/divórcio
- 11% – Discordância com o pastor
- 19% – Outras razões
- 7% – Problemas com a igreja anterior
- 5% – Mudança nas crenças pessoais
- 3% – Razões sociais
- 3% – Razões práticas



Quais características eles procuram quando estão em busca de uma nova igreja?

- 83% – Qualidade dos sermões
- 79% – Receptividade
- 74% – Estilo de culto
- 70% – Localização
- 56% – Educação para os filhos
- 48% – Ter amigos ou familiares na congregação
- 42% – Disponibilidade de envolvimento em voluntariado
- 29% – Outros fatores



Como eles escolhem uma nova igreja?

- 85% – Participam de cultos na congregação em vista
- 69% – Conversam com membros da congregação
- 68% – Conversam com amigos/colegas sobre a congregação
- 55% – Conversam com o pastor da congregação
- 37% – Procuram informações na internet
- 19% – Ligam para alguém da congregação



Fonte: Pew Research Center, *Choosing a new church or house of worship*, <pewforum.org>, agosto de 2016.

Teste de qualidade



Gentileza DSA

Os acontecimentos atuais anunciam em alta voz que não há mais tempo a perder. Cristo logo voltará para buscar Seus filhos. A igreja cresce rapidamente, mas poderia crescer ainda mais enquanto desfruta de liberdade. Liberdade que não sabemos por quanto tempo mais se prolongará.

Nosso êxito nessa missão dependerá basicamente dos líderes que a igreja tem. Por quê? Simplesmente porque “o povo refletirá em alto grau o espírito manifestado pelo dirigente” (*Serviço Cristão*, p. 177). O espírito do verdadeiro líder é contagiante. Os que o cercam compartilham de sua carga e de seu entusiasmo. Estão dispostos a segui-lo, e a transformar seus sonhos nos deles próprios.

Em seu livro, *Para você que quer ser líder*, Robert Pierson, presidente mundial da Igreja Adventista na década de 1970, disse que um líder cristão tem pelo menos 10 características que o destacam: espiritualidade, visão, integridade, humildade, paciência, bondade, compreensão, responsabilidade, determinação, honestidade e lealdade a seu Deus e a seus irmãos na fé. Querido pastor, você tem essas características? Permita-me discutir sobre algumas dessas qualidades mencionadas pelo pastor Pierson.

O verdadeiro dirigente é uma pessoa espiritual. Noé teve sob sua responsabilidade um dos maiores empreendimentos confiados a um líder até hoje. A Bíblia nos diz que Noé caminhou com Deus (Gn 6:9). Ninguém se torna líder espiritual por nascimento, posição social ou formação educacional. A força espiritual é concedida pelo Espírito Santo àqueles que oram, negam-se a si mesmos, confessam suas faltas e estão dispostos a caminhar com Deus.

O líder é uma pessoa de visão. Isso significa ver templos onde hoje existem somente terrenos; ver uma congregação cheia onde atualmente os bancos estão vazios. Olhando para os campos, Jesus disse: “Levantai os vossos olhos” (Jo 4:35, ARC). Hoje, Ele nos diria: “Aumentem sua visão, expandam seus horizontes.” Raramente uma igreja vai além do que seus dirigentes podem ver. Nossa oração deve ser: “Senhor, concede-nos visão!”



Nosso êxito na missão dependerá basicamente dos líderes que a igreja tem.”

O verdadeiro líder é alguém que esquadrinha as Escrituras para entender qual é a vontade de Deus para ele e sua igreja. Quando um pastor diz que está demasiadamente ocupado para “gastar tempo com o estudo da Palavra”, está mais ocupado do que deveria.

O líder eficiente é humilde e paciente. Cristo disse: “O maior dentre vós será vosso servo” (Mt 23:11). Igualmente sábio é o conselho de Tiago: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tg 1:19). Se um líder for humilde, também será paciente. Ninguém está disposto a abrir o coração ou apoiar alguém que não tenha tempo para ouvir. O apóstolo Paulo escreveu: “Sede uns para com os outros benignos” (Ef 4:32); e “seja a vossa moderação conhecida de todos os homens” (Fp 4:5). Somente Jesus, morando no coração, fará com que um líder seja bondoso, humilde e compreensivo.

Finalmente, podemos dizer que nossa fidelidade a Deus requer que também sejamos leais para com aqueles que lideramos. “Sê fiel até à morte, e te darei a coroa da vida” (Ap 2:10). “Deus chama indivíduos de fidelidade inquebrantável. Para Ele, em uma emergência, não há lugar para pessoas de dupla personalidade. Ele quer servos que ponham as mãos numa ação errada e digam: ‘Isto não está de acordo com a vontade de Deus’” (*Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 153). “Permanecer em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandona, participar das batalhas do Senhor quando são poucos os campeões – essa será nossa prova. Naquele tempo, devemos tirar calor da frieza dos outros, coragem de sua covardia, e lealdade de sua traição” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 5, p. 136). Deus “espera lealdade de cada um” (*Profetas e Reis*, p. 175).

Como líder, você tem desenvolvido essas qualidades em seu ministério? Você se sente pequeno e incapaz? Faça como o apóstolo Paulo: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13). Seja um líder com paixão! **IM**

Carlos Hein

Secretário ministerial da Igreja Adventista para a América do Sul

Liderar é servir

Precisamos da metodologia da liderança servidora em que os ministros de Deus sirvam as pessoas e não usem de sua influência para superação de suas carências psicológicas, sociais e espirituais.

por Márcio Nastrini

No Brasil, são poucos os profissionais que obtiveram um doutorado em liderança, e Josmar Arrais faz parte desse seleto grupo. Filho de uma tradicional família adventista, seu pai, Francisco Arrais, foi colportor por 45 anos. Admir, irmão mais velho, foi professor e autor de livros didáticos da Casa Publicadora Brasileira. Seu irmão Jonas trabalha atualmente na sede mundial da Igreja Adventista, nos Estados Unidos, como secretário ministerial associado, e os demais irmãos serviram em diversos setores da denominação.

Graduado em Teologia, História e Educação, Josmar tem mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Liderança pela Universidade Andrews, Estados Unidos. Como professor, atuou no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) por vários anos. Foi diretor de cursos universitários e pró-reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Assuntos Comunitários e Extensão da Universidade de Santo Amaro (Unisa). Atualmente é proprietário e presidente da VitalSmarts Brasil, consultoria especializada em desenvolvimento empresarial, pessoal e de liderança, e professor adjunto do programa de MBA em Liderança da Universidade Andrews.

Casado com Jane, psicopedagoga e psicomotricista, o casal tem dois filhos, Marcelo e Michelle, ambos casados, e a neta Laila.



Cortesia do entrevistado

O que o levou a se interessar pelo estudo e pela área de liderança corporativa?

Embora o fenômeno da liderança remonte aos primórdios da humanidade, somente no último século, e especificamente nos últimos 50 anos, esse tema foi estudado sob uma ótica mais científica.

Há 25 anos, a Universidade Andrews tem sido uma das pioneiras no programa doutoral Competências de Liderança, com ênfase em líderes servidores. Em 1998, os professores Gerson Pires de Araújo, José Iran Miguel, Sidney Storch Dutra e eu nos aventuramos nesse projeto inovador. Com José Alaby e Robson Marinho, recebemos apoio do Unasp e da Unisa para trazer o curso ao Brasil. Além disso, iniciamos a publicação de um periódico dentro do programa de mestrado. Ao ministrar cursos de liderança nas empresas brasileiras, percebi que a abordagem da liderança servidora era muito distante do modelo praticado

pelas corporações e que elas ainda atuavam com a mentalidade ultrapassada da era industrial, não da era da informação e do conhecimento.

Assim, tenho dedicado mais de uma década reforçando esses conceitos para milhares de pessoas, humanizando as organizações e suas lideranças.

Atualmente, como presidente e facilitador dos cursos da VitalSmarts e professor de Liderança no MBA oferecido pelo Unasp em parceria com a Andrews, tenho me dedicado a destacar a importância da transformação cultural, dos relacionamentos, das conversas cruciais e do uso científico das teorias de motivação, responsabilização e influência.

De que forma é possível estabelecer uma ponte entre os ensinamentos bíblicos e os atuais modelos de liderança?

Uma análise da história bíblica revelará que a liderança sempre esteve relacionada ao seu contexto. Épocas com sistemas políticos mais centralizadores geraram líderes assim, e vice-versa. O palco da humanidade e das organizações políticas e religiosas sempre nos deu exemplos a ser seguidos e a ser rejeitados. A grande questão de liderança que perpassa a história bíblica é o conceito do serviço, do uso da influência, da autoridade e do relacionamento entre líderes e liderados.

Observamos exemplos de líderes comprometidos que atuaram com determinação e paixão pelo bem-estar das pessoas e não para si mesmos. O moderno conceito de liderança servidora, criado por Robert Greenleaf e conhecido no Brasil pelo livro *O monge e o executivo*, de James Hunter, tem como base os ensinamentos bíblicos, especialmente os de Jesus. Ao longo do relato sagrado, o relacionamento humano e os conceitos de liderança sempre estiveram entrelaçados.

Qual deve ser o modelo de liderança pastoral no século 21 e qual é seu principal desafio?

Infelizmente a genética, o ambiente, as circunstâncias e o determinismo são desculpas frequentes para a ausência de iniciativas e ações. Aliado a isso, o mundo pós-moderno, com seu relativismo e imediatismo, tem estimulado a inércia e o ceticismo de muitos. Contudo, o que mais tem me chamado atenção é a ausência de bons modelos de líderes. A busca egocêntrica

Infelizmente, o que vemos são líderes atuando mais como gestores de problemas passados do que como guias inspiradores do futuro.

por posição, poder e cargo é o maior entrave para enfrentar os desafios do mundo pós-moderno. Some-se a isso os escândalos de ausência de integridade.

Essa mentalidade pode contaminar a liderança ministerial. Precisamos da metodologia da liderança servidora em que os ministros de Deus sirvam as pessoas e não usem de sua influência para superação de suas carências psicológicas, sociais e espirituais. O maior desafio, no entanto, é liderar uma igreja que não aceita facilmente autoridade. A liderança pastoral está migrando para o pluralismo na liderança mais do que para a figura de um líder. Isso exigirá uma formação humana mais profunda dos futuros pastores.

Compartilhar a tomada de decisão e a escolha de projetos mudará a forma mais hierárquica com a qual convivemos atualmente.

Visão, relacionamento e confiança são elementos fundamentais para uma liderança espiritual eficaz?

Sem dúvida! A confiança é a base da liderança. Sem credibilidade quase nada funciona. Segundo a consultoria Franklin Covey, confiança se constrói por meio da junção de dois atributos: caráter e competência. A burocracia, a estagnação e a maioria dos problemas organizacionais seriam evitados ou até eliminados com uma cultura voltada para a construção de um ambiente saudável de alta confiança.

Relacionamento é a essência da vida pessoal e organizacional. Empresas não são prédios, sistemas, processos e equipamentos. São as pessoas com seus relacionamentos que trazem vida, dinamismo e resultados.

Visão é fundamental para o avanço da organização e direcionamento para o futuro. É o cenário onde queremos chegar. Infelizmente, o que vemos são líderes atuando mais como gestores de problemas passados do que como guias inspiradores do futuro.

Eu acrescentaria missão à lista. É ela que define a razão da existência de uma organização. A partir dela estabelecemos todas as metas e objetivos. A missão move as pessoas para um desempenho efetivo.

De que maneira o pastor pode inspirar confiança em seus liderados e obter sucesso no ministério?

A palavra confiança traz em sua raiz o conceito de "com fé". Imagine a responsabilidade de um líder em conquistar a fé das pessoas! A proposta para desenvolver confiança passa obrigatoriamente pelo caminho *de dentro para fora*, ou seja, primeiramente é necessário desenvolver

autoconfiança, depois relacionamentos e equipes confiáveis e, então, a organização, a comunidade e a sociedade.

Os fatores de maior impacto para inspirar confiança se resumem em: caráter e competência. Nem sempre percebemos essas duas qualidades nos líderes eclesiais. Caráter significa desenvolvimento da integridade e das intenções. Viver de acordo com princípios e valores. Competência está relacionada com o conceito de habilidades e resultados. Caráter e competência são qualidades indispensáveis para o líder.

O líder ministerial precisa entender o tempo em que vivemos e liderar *com* as pessoas, e não *as* pessoas.

Liderar voluntários, como ocorre nas igrejas, é mais difícil do que estar à frente de um grupo de colaboradores assalariados?

Os desafios são maiores, tendo em vista que o aspecto econômico nem sempre está presente no voluntariado. Mas a grande questão, no entanto, é que líderes eclesiais precisam aprender a entender de gente e do que motiva as pessoas. Precisam trazer as pessoas consigo.

As pessoas são motivadas pela autonomia. Elas querem participar, fazer algo que seja estimulante para sua capacidade. As pessoas são motivadas por um propósito, por uma missão. Se o propósito não ecoar no coração, qualquer esforço do líder para engajar alguém será limitado. Além disso, ele precisa estabelecer um plano de ação que leve em consideração as motivações e habilidades não apenas em nível pessoal, mas também social e estrutural. Uma liderança que entende isso, com certeza será mais relevante.

Como o líder deve administrar conflitos, diferenças e oposição?

A ausência de bons relacionamentos e resultados deriva quase sempre de

diferenças de opinião em assuntos importantes que não são resolvidas ou são até mesmo suprimidas. Divergências de ideias e opiniões são bem-vindas e levam à inovação e criatividade. Devem ser valorizadas. Divergências pessoais, no entanto, resultam em conflitos.

Para administrar divergências e oposições o líder precisa estar preparado. A maior necessidade do líder frente a um conflito e o primeiro passo para

Liderança é uma oportunidade para servir e não uma posição. Devemos usar nossos recursos e planos para melhorar o bem-estar das pessoas e cumprir a missão.

administrá-lo é a autoconsciência. Determinar o que se deseja e espera para si, para o outro, para o relacionamento e para o ministério são questionamentos prévios importantes antes de ser “sequestrado” emocionalmente e optar pelos extremos: silêncio ou agressividade. É incrível como muitos líderes não sabem o que querem. Lutam por irrelevantias e não por aquilo que é essencial. Se o líder conseguir propiciar um ambiente de segurança na interação com os outros e criar um objetivo comum, respeitando e ouvindo opiniões diversas, alternativas maravilhosas podem emergir de um aparente conflito.

Existe o risco de um pastor perder o foco de sua liderança ao procurar implementar práticas modernas de gestão?

Sim, existe. Mas precisamos entender primeiro o que é foco espiritual e o que são práticas modernas de gestão. Se confundirmos liderança com gerenciamento, sim. Corremos o risco de enfatizar excessivamente metas e resultados. Se entendermos liderança como serviço, creio que não. O desenvolvimento de pessoas e o alcance de objetivos será consequência natural. Atualmente, foco espiritual não é mais aceitação do que o líder fala, mas do que e de quem ele exemplifica.

Que mensagem o senhor deixa aos líderes religiosos do século 21?

Como diz Goldsmith: “O *que* o trouxe até aqui *não* o levará até lá”. Os métodos e as realizações do passado não nos dão a certeza de resultados no futuro. Precisamos entender nossa época dentro do contexto maior.

Mais que mensagem, deixo um apelo: pastores e líderes, definitivamente, eliminem a busca pelo poder e pelos cargos. Liderança é uma oportunidade para servir e não uma posição. Cuidem para que suas decisões não estejam contaminadas pelo interesse próprio. Compartilhem as resoluções. O mal maior de nosso século continua sendo o egocentrismo. Usando a linguagem da computação, precisamos fazer um *reset* em nossa mente formatada na era industrial, na qual as pessoas eram meios para se atingir objetivos. Devemos usar nossos recursos e planos para melhorar o bem-estar das pessoas e cumprir a missão. Desenvolvam tolerância e paciência. O mundo perece pela noção de exclusivismo e não aceitação dos diferentes.

Finalmente, conversem, dialoguem. Precisamos construir união na diversidade. Temos uma certeza: “O mesmo Deus que nos trouxe até aqui, nos levará até lá!” 



William de Moraes

Antigas **funções**, modernas **ideias**



No Antigo Testamento, é possível encontrar quatro modelos de liderança que servem de inspiração para o ministério pastoral: sacerdotal, monárquico, profético e sapiencial. A percepção e integração equilibrada dessas referências provê uma base bíblica para a compreensão e o exercício do ministério pastoral.

Ilustrações: Carlos Serbelli

**Lições dos ofícios
israelitas do Antigo
Testamento para
líderes do século 21**



Modelo sacerdotal

Na dedicação do sacerdote ao serviço do santuário encontramos alguns princípios teológicos que devem nortear aspectos importantes do ministério pastoral. Dois deles se destacam. Em primeiro lugar, era requerida pureza dos que oficiavam no tabernáculo israelita. No rito de consagração ao sacerdócio, Deus ordenou que Arão e seus filhos fossem lavados com água (Lv 8:6), para posteriormente receberem o sangue do sacrifício sobre a ponta da orelha direita, do polegar da mão direita e do polegar do pé direito (Lv 8:23). Isso significava que o ouvir, o agir e o andar do sacerdote deveriam ser dedicados completamente a Deus.

Esse ato simboliza a pureza de caráter exigida dos que servem ao Senhor e sua igreja. Vivemos neste mundo impuro e somos atacados com diversos apelos ao pecado e às mais baixas paixões carnisais. A pornografia veiculada na internet tem destruído lares e ministérios. Nos Estados Unidos, por exemplo, existe uma organização com o propósito exclusivo de

ajudar pastores viciados em pornografia virtual. Nunca devemos nos esquecer de que o virtual é apenas o primeiro passo para o real, material e físico. O modelo sacerdotal aponta para o compromisso inalienável com a pureza ética e moral daqueles que ministram em nome de Deus.

O segundo aspecto é derivado do rito de derramar o óleo da unção sobre o tabernáculo, seus móveis, e também sobre a cabeça de Arão e seus filhos (Lv 8:12). Além disso, as vestes sacerdotais eram elaboradas com os mesmos tecidos usados para confeccionar as cortinas do santuário (Lv 39:1-5). Isso demonstrava a identificação entre os sacerdotes e a “tenda da congregação”. Assim, todos os aspectos e dimensões da vida do sacerdote estavam ligados à realidade do santuário e seus ministérios. A implicação disso é clara: o verdadeiro pastor está identificado e comprometido com a missão da igreja que o chamou para o serviço.

Modelo monárquico

O segundo modelo encontrado no Antigo Testamento que serve de inspiração para o ofício pastoral vem da instituição da monarquia. Ele traz contribuições para as áreas de liderança e administração eclesial. Cabe ressaltar, porém, que o modelo monárquico, de acordo com o ideal bíblico, não se fundamenta no uso arbitrário do poder e da autoridade, mas na submissão incondicional do rei à vontade de Deus revelada em Sua Palavra. Em Israel, diferente do que ocorria em outras nações do antigo Oriente Médio, o rei não era divino e não estava acima da lei; ao contrário, era submisso a ela. No contexto da Bíblia, o monarca ideal é aquele que pauta

sua administração pela justiça e pela obediência a Deus.

O ministério requer acurado senso de administração e liderança. É necessário dirigir comissões, elaborar e executar planos, coordenar a construção de igrejas e escolas e ainda motivar pessoas para cumprirem metas e programas. Essas responsabilidades podem dar a falsa impressão de que são seculares, ou menos espirituais do que outras tarefas pastorais.

Em síntese, o modelo monárquico nos ensina que as atividades administrativas devem ser executadas dentro dos parâmetros da vocação ministerial, em atitude de obediência e submissão aos princípios da Palavra de Deus.





Modelo profético

A terceira referência é o modelo profético. É difícil definir e explicar em poucas palavras a gama de atividades proféticas registradas no Antigo Testamento. Para simplificar, podemos dizer que os profetas eram porta-vozes de Deus, chamando o povo à renovação da aliança. Alguns chegam a afirmar que os profetas, principalmente os escritores, eram os promotores da aliança no sentido judicial da palavra. Em virtude disso, às vezes a missão profética era extremamente desconfortável, pois exigia do mensageiro entrega incondicional da vida nas mãos de Deus e obediência absoluta às Suas exigências. O profeta era visto por muitos como uma pessoa alienada e fora de sintonia com as tendências culturais. Enquanto o povo mergulhava na idolatria e o rei buscava alianças com nações pagãs, comprometendo

a pureza da fé, cabia ao profeta repreendê-los em nome do Senhor.

Alguns profetas receberam a incumbência de personificar a mensagem a ser pregada: Jeremias foi instruído a não se casar (Jr 16:2); Ezequiel foi proibido de lamentar a morte da esposa (Ez 24:16) e Oseias precisou casar-se como uma prostituta. Outros pagaram com a própria vida o preço de sua lealdade à missão. Por isso, não é de admirar que alguns profetas tenham recebido o chamado para o ministério com extremo desconforto. Jonas, a princípio, fugiu do chamado. Isaías exclamou: "Ai de mim porque sou impuro e habito no meio de um povo impuro". Contudo, quando Deus perguntou: "A quem enviarei?", ele respondeu: "Eis me aqui, envia-me a mim" (Is 6:8). Ao receber o chamado, Jeremias exclamou: "Ah!

Modelo sapiencial

Os sábios do mundo antigo geralmente ficavam no palácio dos reis e serviam como conselheiros. Em Provérbios, eles são mencionados como aqueles que ensinam por meio de enigmas e parábolas. A Bíblia menciona, entre outros, os sábios do Egito, a mulher sábia de Tecoa, Daniel e, mais do que qualquer outro, Salomão, o rei que recebeu do Senhor a sabedoria como dádiva especial. Nas Escrituras, uma seção toda é dedicada à literatura sapiencial. Nela estão os livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes. Além disso, vários salmos são considerados sapienciais, começando com o Salmo 1. Esse texto chama de bem-aventurado aquele que tem "prazer [...] na lei do Senhor", e medita nela "de dia e de noite" (Sl 1:2).

Em Provérbios, Salomão dá este conselho que se aplica a pastores contemporâneos: "Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares

por inteligência, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus. Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento" (Pv 2:1-6).

O modelo sapiencial provê um corretivo para a visão pragmática que reduz o ministério pastoral ao serviço prático e considera a atividade intelectual como sendo de menor importância. Na cosmovisão bíblica, servimos a Deus não somente com as mãos, mas também com o intelecto. Um pastor não deve se contentar com a estagnação intelectual. Deve se dedicar a ler e a compreender os escritos inspirados, bem como a investir tempo e recursos na aquisição e leitura de bons livros. Assim, a igreja será corretamente alimentada por pastores sábios, e não por líderes obtusos que não fazem mais do que entreter a congregação com as últimas piadas retiradas da internet.



Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jr 1:6). Entretanto, Deus não deu opções ao profeta.

A alegria de alguns ao receber o chamado para o ministério parece demonstrar que eles não conhecem as responsabilidades e os desafios do pastorado. Alguns correm o risco de ver o ministério como uma escada para a ascensão social. Outros ambicionam liderar um departamento ou uma posição administrativa na Obra de Deus. Um pastor com esse espírito será infeliz, fará outros infelizes e trará opróbrio à causa do evangelho.

A dimensão profética do ministério é uma advertência. Nem sempre o pastor estará na igreja ou na cidade de seus sonhos. Talvez ele seja chamado a exercer o ministério em lugares inóspitos e de

poucos recursos. Em consequência, isso demandará sacrifícios que vão incluir sua família. Foi assim com Amós. Ele era natural de Judá, mas Deus o comissionou a exercer seu ministério no reino do Norte. Em uma de suas pregações, ele confrontou Amazias, um falso profeta profissional pago pelo rei para dizer-lhe o que queria ouvir. Amazias ficou incomodado com Amós e ordenou-lhe: “Vai-te, ó vidente, fuge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza.” Amós respondeu: “Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros. Mas o Senhor me tirou de após o gado e o Senhor me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel.” Como Amós, o pastor deve ter consciência do seu chamado e estar pronto para servir onde Deus mandar.

Tanto as tristezas quanto as alegrias são consequências do próprio ministério. Elas ocorrem como inevitável subproduto de uma conexão orgânica do pastor com a morte e ressurreição de Jesus. Ninguém que diz “fui crucificado com Cristo” pode atribuir suas lutas ou vitórias ao contexto sócio-político em que exerce o pastorado.

À primeira vista, a teologia cruciforme do ministério parece um fardo para o pastor. Contudo, em realidade, ela o liberta das normas convencionais de sucesso, felicidade ou poder. A ênfase na cruz e na ressurreição não é a fonte de aflição do ministro. De fato, é seu meio de libertação, pois fornece um centro de gravidade que mantém o ministério girando ao redor de Cristo. Um pastor é um generalista não por ser membro de uma profissão útil, mas porque o crucificado e ressurreto o libertou para aplicar o evangelho a toda e qualquer circunstância. A glória do ministério vem da redenção realizada em Jesus Cristo. Graças a Ele, o chamado que ouvimos não é apenas “Onde estás?”, mas também “Segue-me!”.

Ao seguir a Cristo como Sumo-Sacerdote no Santuário Celestial, ao submeter-se a Ele como Rei e Senhor, ao seguir às instruções do maior de todos os profetas, ao receber na vida a Sabedoria de Deus, o pastor se torna apto a exercer um ministério cujos resultados não serão aprovados somente por líderes humanos, mas pelo Cordeiro de Deus, o Supremo Pastor (1Pe 5:4). Quando adentrarem os portais da Nova Jerusalém, os verdadeiros ministros estarão acompanhados das multidões que eles tiveram a oportunidade de conduzir ao Senhor. **M**

O modelo perfeito

Ao lançarmos um olhar panorâmico sobre o Novo Testamento, percebemos que na pessoa e no ministério de Jesus todos esses modelos se encontram e se cumprem. Cristo é o Sumo-Sacerdote por excelência, como afirma a Carta aos Hebreus. Cristo é o Rei que procede da linhagem davídica, como revelado na genealogia apresentada em Mateus. Cristo é o Profeta, cuja missão incluiu o cumprimento do ofício profético. Não nos esqueçamos do sermão escatológico (Mt 24), em que Ele descortinou diante dos discípulos uma visão apocalíptica da história. Cristo é o Sábio. As muitas parábolas registradas nos

evangelhos ecoam a sabedoria do Antigo Testamento.

Jesus Cristo é o modelo perfeito para inspirar e nortear nosso pastorado. O apóstolo Paulo compreendeu o ministério como uma extensão da morte e ressurreição de Cristo. Portanto, isso implica morte diária para as coisas mais cobiçadas pela nossa cultura e aumento diário da presença de Jesus entre nós.

Com uma visão cruciforme de ministério, fazia sentido para Paulo exortar suas congregações a não “desanimar”. As dificuldades do pastorado não decorrem do clima cultural em que ele é vivenciado.



<http://pastor.adventistas.org>





Gentileza do autor

Coração de aprendiz

Aproveite os benefícios do mentoreamento em seu ministério

Se mentoreamento é “uma experiência relacional por meio da qual uma pessoa capacita outra pelo compartilhamento de dons concedidos por Deus, [...] uma dinâmica positiva que permite que as pessoas desenvolvam seu potencial”,¹ eu gostaria de considerar o tema sob uma perspectiva bíblica.

Uma brecha na formação

Podemos nos orgulhar de nosso histórico religioso, dos graus acadêmicos obtidos e dos muitos talentos que podem levar-nos a uma trajetória ministerial bem-sucedida. Entretanto, seria possível obter êxito maior se um ingrediente fundamental transcendesse todas essas qualidades exteriores. Atos 18:24 a 28 indica claramente que Apolo ingressou no ministério com os pré-requisitos básicos para uma carreira próspera. Seu currículo se destacava: era judeu de Alexandria, hábil na pregação, poderoso no conhecimento das Escrituras, bem instruído e treinado teologicamente e, além disso, mostrava muito fervor em relação ao ministério por meio das evidências de seu chamado (v. 24, 25).

Tudo contribuía em seu favor, pelo menos sob o ponto de vista humano. Entretanto, inicialmente Apolo estava abaixo de seu verdadeiro potencial ministerial. Faltava-lhe conhecimento básico, pois conhecia “apenas o batismo de João”. Ainda assim, experimentava algum êxito em seu ministério.

Entre o bom e o ótimo

Parece haver algo no início da caminhada ministerial que transmite a noção de que o recém-graduado do seminário sabe tudo. No entanto, não demora

muito para descobrir quanto não se sabe sobre o ministério.

Em alguns aspectos, Apolo passava pela mesma experiência. Embora conhecesse o batismo de João, era lamentavelmente ignorante quanto ao batismo de Jesus (At 18:25b): “Eu vos batizo com água,

Jeanette Dietl / Fotolia



para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3:11).

Até ser batizado com o Espírito Santo, Apolo experimentava um bom ministério, que ofuscava algo maior. Ecoando as palavras de Jim Collins: “O bom é inimigo do ótimo. E essa é uma das razões-chave por que existem tão poucas coisas que se tornam excelentes.”² Então, por que se contentar com um bom ministério, quando existe a perspectiva de um grande ministério? Cada pastor pode experimentar um ministério de êxito por meio de uma fórmula simples, porém muitas vezes negligenciada: o batismo do Espírito Santo. Nós já passamos pelo “batismo de João” antes de ingressar no pastorado. Devemos experimentar o verdadeiro arrependimento e, diariamente, buscar a Cristo.

O poder do mentoreamento

Imediatamente antes de Sua ascensão, Jesus reafirmou a declaração de João Batista sobre seu batismo (At 1:8). Além disso, a promessa foi cumprida poucos dias após a partida de Cristo (At 2:1-4). O fogo do Espírito Santo se tornou o catalisador para a verdadeira eficiência do ministério. Por meio de Seu poder, os discípulos impactaram o mundo com o evangelho. Contudo, mesmo após esse fenômeno sem precedentes, ainda vemos pessoas no ministério que trabalham sem o poder do Espírito. Apolo foi uma dessas pessoas. Talvez ele estivesse apresentando um de seus melhores e poderosos sermões, quando foi contido por dois membros de sua congregação. Eles descobriram que lhe faltava um ingrediente crucial.

Essa deve ter sido uma experiência humilhante e difícil para Apolo. Afinal, ele era

uma autoridade teológica dentro da congregação e havia sido ensinado pelos mestres! Então, um simples casal de fabricantes de tendas apontou uma falha em seu ministério e sua vida espiritual. Não é fácil para nós, pastores, ouvir os fiéis indicando coisas que deveríamos saber, fazer e experimentar em nosso ofício como ministros do evangelho. Isso é como um golpe no coração de nossa credibilidade ministerial. Podemos ouvir mais facilmente a observação de colegas pastores, e, mesmo assim, isso pode ser uma experiência constrangedora.

Como aceitar uma recomendação como essa vinda de não-especialistas? Apolo parece ter sido receptivo ao que Áquila e Priscila lhe disseram, e o resultado foi positivo. Considerando que ele conduzia o povo antes, “auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido” (v. 27) depois. Visto que era capaz de refutar ensinamentos distorcidos dos judeus antes, “com grande poder, convencia publicamente” depois, “provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus” (v. 28).

Que notável transformação ocorreu no ministério de Apolo! Ele não só conheceu o batismo de João, como também experimentou o batismo de Jesus, por



meio do poder do Espírito Santo. O resultado de sua dependência do Espírito foi o verdadeiro êxito ministerial. Como consequência, os irmãos escreveram cartas recomendando-o aos cristãos da região de Acaia (v. 27).

Depois dessa experiência, o relato bíblico indica a permanência de Apolo em Corinto (At 19:1; 1Co 1:12; 3:4, 22). Mais tarde, Paulo, ao enfrentar problemas com os cren-tes dessa cidade, destacou o pastor Apolo como um modelo. Devido ao impacto de seu ministério junto aos coríntios, Apolo foi instado a voltar à região (1Co 16:12). Finalmente, Paulo o recomendou em uma urgente viagem missionária (Tt 3:13). O que poderia ter ocorrido se Apolo não tivesse encontrado Áquila e Priscila? O que aconteceria se ele tivesse ignorado o convite e rejeitado a orientação sobre a importância do batismo do Espírito Santo? O batismo do Espírito leva o ministério de um pastor a lugares inimagináveis e produz resultados extraordinários. “Deus usa um modelo de preparação para o desenvolvimento de líderes, não um modelo de planejamento. Líderes que dão o melhor em suas respectivas atribuições estão preparados para seu próximo nível de influência.”³

Áquilas e Priscilas modernos

Acredito que Deus tenha pessoas como Áquila e Priscila em cada congregação. No entanto, antes que elas possam ser valorizadas, primeiramente devem ser identificadas. Os pastores precisam estar atentos para encontrá-las, pois elas são as que realmente se interessam em querer que seu ministério alcance o potencial máximo. Ao olhar para trás, posso recordar os “Áquilas” e “Priscilas” que encontrei ao longo da jornada. Foram pessoas que humildemente compartilharam suas perspectivas sobre meu ministério, oraram por mim e por minha família e demonstraram apreço por meu trabalho. Sem falhar, estavam em cada congregação em que servi. “Deus usa as coisas comuns

para edificar o caráter e expandir o coração do líder por meio do acúmulo de experiência e aprendizado, a fim de que ele esteja preparado para tarefas maiores.”⁴

Observe como Áquila e Priscila orientaram Apolo, facilitando sua compreensão a respeito do Espírito Santo e ajudando-o a alcançar maior êxito em seu ministério. Esses cristãos não desafiaram nem constrangeram o pastor publicamente e não fizeram comentários depreciativos em torno de mesas de jantar acerca do trabalho de seu líder. Eles desenvolveram um grande histórico de apoio pastoral, como ficou evidenciado na experiência de Paulo com o casal. O texto diz: “Ouvindo-o, porém, Priscila e Áquila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus” (At 18:26). Pode ser difícil de aceitar, mas há momentos em que uma explicação mais precisa das Escrituras pode vir de um membro da congregação. Moisés recebeu sua bem-sucedida estrutura organizacional de seu sogro, Jetro, um sacerdote não israelita de Midiã (Êx 18:1-27). Deus pode escolher pessoas inesperadas para dar conselhos a seus pastores/líderes. “Experimentar o segredo da liderança que, em grande medida, significa ser conduzido”⁵ é um componente essencial para alcançar níveis mais altos de ministério.

Conclusão

Muitos pastores com graus acadêmicos avançados servem a igreja. Quando se trata de pregação e eloquência no púlpito, parece não haver nenhuma lacuna. Batismos podem ser medidos em todo campo mundial, com adesões à fé ocorrendo diariamente. No entanto, o ingrediente-chave para maior eficiência ministerial ainda parece estar em falta, e os pastores sabem disso. Necessitamos do Espírito Santo para apresentar a mensagem evangélica ao mundo todo (At 1:8).

O que fazer para resolver esse problema? Proponho quatro soluções simples e viáveis:

Em primeiro lugar, faça uma autoavaliação de seu ministério. Isso vai exigir uma análise honesta de seu conhecimento de Deus e de sua experiência pessoal com Ele. Além disso, demandará a aceitação da deficiência humana em relação a tudo que compreende o ofício pastoral. Também exigirá o compromisso de crescer em áreas identificadas como deficientes.

Na sequência, identifique os “Áquilas” e as “Priscilas” que o Senhor colocou em sua vida e seu ministério. Isso exigirá o discernimento espiritual de buscar a Deus por meio da oração e de se permitir ser vulnerável. Você deverá ter uma vontade genuína de aprender a partir do conhecimento e da experiência deles, construindo relacionamentos fundamentados na confiança mútua.

Em terceiro lugar, busque o conselho desses mentores, discuta suas ideias com eles, conte com as orações deles com e por você, enquanto ora pelo batismo diário do Espírito Santo.

Finalmente, dependa menos dos recursos externos do ministério e mais do Espírito Santo. Isso significa deixar de lado “a armadura de Saul” e avançar em nome do Senhor de Davi. Significa abandonar a “espada de Pedro” e imitar Jesus, o Cordeiro de Deus. Significa fazer como o apóstolo Paulo: reconhecer sua insuficiência e depender da suficiência de Cristo (2Co 3:4-6). “Esta é a palavra do Senhor para Zorobabel: ‘Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito’, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4:6). **IM**

Referências

¹ Paul D. Stanley e J. Robert Clinton, *Connecting: The Mentoring Relationships You Need to Succeed in Life* (Colorado Springs, CO: NavPress, 1992), p. 12.

² Jim Collins, *Empresas Feitas para Vencer* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2001), p. 17.

³ Reggie McNeal, *A Work of Heart: Understanding How God Shapes Spiritual Leaders* (San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000), p. 45.

⁴ Ibid.

⁵ Henri Nouwen, *In the Name of Jesus: Reflections on Christian Leadership* (New York: The Crossroad Publishing Company, 1989), p. 57.



Cortesia do autor

Líderes **imperfeitos**

Orientações bíblicas para lidar com as falhas de liderança ao nosso redor

Como pastor, você já teve líderes de igreja que interferiram em assuntos eclesiásticos sem seu conhecimento? Teve líderes que, em submissão a membros poderosos ou ricos da congregação, não ficaram do seu lado em momentos críticos, nos quais você precisava da ajuda deles? Trabalhou com líderes que prometeram muito e entregaram pouco? Serviu ao lado de outros líderes que, sem pensar muito, tomaram decisões insensatas que feriram a outros?

Em meus primeiros anos de ministério, não só ouvi críticas, como também contribuí com comentários enquanto pastores discutiam acerca das fraquezas percebidas na administração do Campo local. Entretanto, essa perspectiva mudou quando me nomearam membro da Comissão Diretiva da Associação. Eu percebi que as decisões eram tomadas com muita oração. Notei também que as resoluções que pareciam ser simples e fáceis eram muitas vezes complexas, e envolviam questões que não podiam ser abertas amplamente. Liderar é mais complicado do que eu pensava!

Apontar fraquezas é fácil. Todos nós as temos, e elas são geralmente óbvias. Por outro lado, incentivar as pessoas a fazer seu melhor e ser solidárias aos outros exige mais esforço e coragem.

O exemplo de Davi e Saul

A história de como Davi se relacionava com Saul ajudou muito em meu

relacionamento com a liderança da igreja, especialmente quando parecia que os líderes eram imperfeitos, injustos e, às vezes, vingativos e arbitrários.

Davi, o matador de gigante, o pastor de Belém, estava sob ameaça constante. O rei Saul, que havia feito do belemita general do exército por causa da vitória sobre Golias, ficou com ciúmes da crescente popularidade do jovem. Depois de mais uma vitória, enquanto o triunfante Davi marchava pela cidade, as mulheres de Israel cantavam com empolgação: “Saul matou milhares, e Davi, dezenas de milhares” (1Sm 18:7, NVI). O rei não gostou da comparação, e a inveja tomou conta dele. Então, a desconfiança tornou-se uma obsessão para Saul. Ele queria a morte de Davi. Por duas vezes, atirou sua lança no jovem, enquanto este tentava acalmá-lo com o som de sua harpa (1Sm 18:10, 11; 19: 9, 10). O monarca chegou a enviar homens à noite para matar Davi em sua casa (1Sm 19:11-18). O perigo para a vida do filho de Jessé era tão real que ele teve que fugir, compartilhando a sequência triste de eventos com seu melhor amigo, Jônatas, herdeiro mais velho de Saul. Mesmo essa amizade não impediu o rei de perseguir Davi (1Sm 24:14).

Certa ocasião, enquanto Saul estava perseguindo Davi no deserto, o rei entrou em uma caverna para fazer suas necessidades (1Sm 24:1-22). Sem ele saber, Davi

e seus soldados estavam escondidos no fundo da gruta. A tropa insistiu com Davi para que ele aproveitasse a oportunidade de atacar Saul, enquanto este estava indefeso. Contudo, a atitude de Davi demonstrou respeito pela liderança escolhida por Deus. Ele se aproximou de Saul sem ser notado e, em vez de usar a espada para matá-lo, apenas cortou uma parte do manto real, voltando, despercebido, para o fundo da caverna.

Depois que o rei saiu da gruta, Davi se revelou. De longe, ele chamou atenção e mostrou o pedaço do manto de Saul, como que dizendo: “Perdeu alguma coisa?” O monarca ficou muito constrangido e contrito. Davi também se arrependeu por ter cortado a orla do manto real, e afirmou que não deveria ter sequer pensado em matar o ungido do Senhor. “Alguns disseram que eu te matasse; porém a minha mão te poupou; porque disse: Não estenderei a mão contra o meu senhor, pois é o ungido de Deus” (1Sm 24:10).¹ Que declaração surpreendente! Davi era um guerreiro com o sangue de muitos em suas mãos e continuou a ser um combatente por toda a sua vida. Imagine a pressão emocional de tentar sobreviver todos os dias e ainda assim não retaliar. Como alguém poderia agir desse modo?

Certa noite, enquanto Saul, a guarda real e 3 mil soldados estavam dormindo, Davi teve outra oportunidade de matar

o rei (1Sm 26:1-25). Entretanto, ordenou a seu soldado Abisai: “Não o mates, pois quem haverá que estenda a mão contra o ungido do Senhor e fique inocente?” (1Sm 26:9). Publicamente, Davi foi respeitoso e leal a um rei que havia sido comissionado por Deus e que tinha uma obsessão grave contra ele.

Como Davi conseguiu lidar com essa tensão emocional?

A estratégia de Davi

Durante o período em que Davi fugia de Saul, ele escreveu uma série de salmos. Neles encontramos sua estratégia de enfrentamento. O filho de Jessé era honesto com Deus. Ele não gostava de estar no topo da lista dos mais procurados do reino, sendo perseguido em toda a Palestina. Davi não queria viver a vida de um delinquente errante, arrastando esposas, filhos e amigos por todo o país. Ser o inimigo público número um em Israel o machucava muito. Ele queria que seus opositores fossem destruídos. Desejava ter uma vida normal. Almejava que a situação mudasse. Caso Saul e seus partidários fossem mortos, isso seria muito bom. No entanto, Davi escolheu respeitar a liderança designada por Deus e encontrou um meio diferente, mas poderoso, de lidar com seu sofrimento. Em muitos dos seus salmos, ele deixou claro seu modo de superar a pressão.²

Vamos começar com o Salmo 59. Davi o compôs no contexto em que Saul designou alguns soldados que vigiassem sua casa, a fim de que pudessem matá-lo (1Sm 19:11-16). Ele deixou o assunto com Deus: “Pelo pecado de sua boca, pelas palavras dos seus lábios, na sua própria soberba sejam enredados e pela abominação e mentiras que proferem. Consome-os com indignação, consome-os, de sorte que jamais existam e se saiba que reina Deus em Jacó, até aos confins da terra” (Sl 59:12, 13).

Considere o Salmo 142, escrito enquanto Davi se escondia em uma caverna, onde

parecia ter encontrado refúgio (1Sm 22:1, 2). Observe como ele colocou sua agonia no contexto de sua esperança. “Ao Senhor ergo a minha voz e clamo, com a minha voz suplico ao Senhor. Derramo perante Ele a minha queixa, à sua presença exponho a minha tribulação. Quando dentro de mim me esmorece o espírito, conheces a minha vereda. No caminho em que ando, me ocultam armadilha. Olha à minha direita e vê, pois não há quem me reconheça, nenhum lugar de refúgio, ninguém que por mim se interesse. A Ti clamo, Senhor, e digo: Tu és o meu refúgio, o meu quinhão na terra dos viventes. Atende o meu clamor, pois me vejo muito fraco. Livra-me dos meus perseguidores, porque são mais fortes do que eu. Tira a minha alma do cárcere, para que eu dê graças ao teu nome; os justos me rodearão, quando me fizeres esse bem” (Sl 142:1-7).

Reflita sobre a atitude do “mavioso salmista de Israel” no Salmo 52, após ouvir que Doegue havia informado Saul de que Aimeleque, o sacerdote, dera-lhe pão e a espada de Golias, enquanto ele fugia do rei (1Sm 21), e que Doegue matara 85 sacerdotes, todos parentes de Aimeleque (1Sm 22:9-23). Davi deixa o julgamento nas mãos de Deus: “Também Deus te destruirá para sempre; há de arrebatarte e arrancarte da tua tenda e te extirpará da terra dos viventes” (Sl 52:5). Além disso, ele escolheu colocar-se nas mãos do Senhor: “Quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na Casa de Deus; confio na misericórdia de Deus para todo o sempre. [...] na presença dos teus fiéis, esperarei no teu nome, porque é bom” (v. 8, 9).

A disposição de deixar tudo nas mãos de Deus e confiar nele em momentos de adversidade aparece em outros lugares. “Escuta, ó Deus, a minha oração, dá ouvidos às palavras da minha boca. Pois contra mim se levantam os insolentes, e os violentos procuram tirar-me a vida; não têm Deus diante de si. Eis que Deus é o meu ajudador, o Senhor é quem me sustenta a vida” (Sl 54:2-4).

Mais uma vez, no Salmo 18, Davi se referiu a Deus como aquele que o resgatou de Saul e de todos os seus inimigos. “Invoque o Senhor, digno de ser louvado, e serei salvo dos meus inimigos. Laços de morte me cercaram, torrentes de impiedade me impuseram terror. Cadeias infernais me cingiram, e tramas de morte me surpreenderam. Na minha angústia, invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos” (Sl 18:3-6). Depois escreveu: “Do alto me estendeu Ele a mão e me tomou; tirou-me das muitas águas. Livrou-me de forte inimigo e dos que me aborreciam, pois eram mais poderosos do que eu. Assaltaram-me no dia da minha calamidade, mas o Senhor me serviu de amparo” (v. 16-18).

O que podemos aprender dessa breve pesquisa nos salmos escritos em meio ao sofrimento, traição e adversidade? Mesmo quando estava em perigo absoluto, Davi encontrou poder e força para superar seus desafios em sua vida de oração e na dependência total da justiça divina. Além disso, ele sempre reconheceu a prontidão de Deus em deixar que Sua justiça operasse em todas as coisas.

Davi também foi muito honesto sobre seus sentimentos, sua raiva, sua dor e seu desejo de mudança. Ele entregou sem reservas ao Senhor toda a carga emocional que sentia. Sua experiência nos deixa este desafio: quando somos emocionalmente honestos com Deus em nossas orações particulares e confiamos que Ele pode lidar com nossas lutas, podemos viver de modo exemplar na esfera pública.

O princípio aplicado hoje

Líderes têm suas fraquezas, mostram favoritismo e, às vezes, tomam decisões equivocadas que nos afetam negativamente. A resposta natural para a dor da injustiça é criticá-los para quem quiser ouvir. Entretanto, a Bíblia chama esse comportamento de fofoca ou calúnia, e nos pede que fiquemos longe disso (Ef 4:25-31).

Calúnias e fofocas podem ferir a outra pessoa, mas o maldizente também fica com má reputação. Nenhum de nós precisa disso; a vida e o ministério são duros o suficiente. A estratégia de Davi ao lidar com a perseguição de Saul é o melhor método. Sinta a dor, expresse-a e entregue-a a Deus em particular, e apoie publicamente o líder. Davi confiou em Deus, e o Senhor cuidou de sua vida. Saul morreu, e Davi se tornou rei.

Assim, ele exemplificou de muitas maneiras o conselho de Pedro: "lançando sobre Ele [Jesus] toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós" (1Pe 5:7). O verbo *lançar* usado pelo

apóstolo é o mesmo que ele utilizaria para se referir ao lançamento de uma rede de pesca ao mar. Pescadores experientes não colocam delicadamente a rede na água. Eles a jogam com todas as forças. Temos que lançar nosso ódio, ciúme, medo, desprezo, raiva e qualquer outra carga emocional com todas as nossas forças a Deus e deixar que Ele lide com tudo isso. O Senhor ouve, entende, leva o fardo e o substitui com a paz que excede todo nosso entendimento (Fp 4:6, 7).

Davi não denunciou publicamente o rei Saul porque este era o ungido de Deus. Ele mesmo foi o ungido do Senhor que sucedeu Saul. Se Davi fosse visto

menosprezando a liderança do rei, mesmo com boa razão, daria aos outros permissão para também desafiá-lo como líder. Ele viveu como gostaria de ser tratado e, desse modo, exemplificou o desafio de Jesus: "façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam" (Mt 7:12, NVI). Os melhores líderes são leais seguidores que respeitam a dignidade e o desafio da liderança e sabem como lidar com sua bagagem emocional. 

Referências

¹ Salvo indicação contrária, todos os textos bíblicos são da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.

² Ver, por exemplo, os Salmos 18; 52; 54; 57; 59; 63; 142-144.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



XII SIMPÓSIO BÍBLICO-TEOLÓGICO SUL-AMERICANO: O justo viverá pela fé

27 de abril a 1º de maio de 2017

Público-alvo: Teólogos, pastores, estudantes de Teologia e demais interessados no assunto. Os participantes terão a oportunidade de refletir e aprofundar-se na análise da Epístola aos Romanos a partir de uma perspectiva exegética, histórica, teológica, pastoral e interdisciplinar.

Convidados:

Dr. Artur Stele, Associação Geral
Dr. Elias Brasil de Souza, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Ekkehardt Mueller, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Frank Hasel, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Alberto R. Timm, Ellen G. White Estate
Dr. Clinton Wahlen, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Kwabena Donkor, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Félix Cortéz, Universidade Andrews



SOCIEDAD ADVENTISTA
DE INVESTIGACIÓN TEOLÓGICA
UNIVERSIDAD ADVENTISTA DEL PLATA



SALT
SEMINÁRIO ADVENTISTA
LATINO-AMERICANO
DE TEOLOGIA



UNIVERSIDAD
ADVENTISTA
DEL PLATA

www.simplesiobiblico.uap.edu.ar



Cortezia do autor

Homens de **atitude**

A postura do líder espiritual é fundamental para o futuro de sua congregação

Ultimamente tenho refletido sobre duas realidades importantes do ministério pastoral. A primeira é que ser um ministro de Deus é um alto privilégio, uma grande honra. A segunda é que à medida que o tempo passa, percebo mais claramente as tentativas do inimigo para destruir nosso ministério. É como se sentisse, no calor da batalha espiritual, os golpes do adversário. Apesar disso, podemos ter a certeza de que Deus suprirá todas as nossas necessidades e nos fará vencedores.

No Antigo Testamento, a maioria dos líderes espirituais de Israel também foi alvo de constantes ataques contra sua liderança. Contudo, eles nos deixaram um legado – sua atitude.

Após haver libertado Seu povo do cativeiro egípcio, Deus o conduziu a Canaã, terra que manava leite e mel. Eles estavam próximos de receber o cumprimento da promessa quando, no deserto de Parã, o Senhor pediu representantes entre o povo para espiar a terra.

Deus ordenou que Moisés selecionasse representantes entre as tribos: “Em cada tribo escolha um homem que seja líder” (Nm 13:2, NTLH). Aproximadamente 2 milhões de israelitas entre homens, mulheres e crianças haviam deixado o Egito. Esse

imenso grupo estava dividido em 12 tribos. Cada uma delas tinha seu representante. Assim, cada espia representava cerca de 165 mil pessoas. Esses homens deveriam ver as maravilhas da terra prometida e animar o povo quando voltassem.

Que privilégio poder representar 165 mil pessoas! Como pastores, também recebemos essa honra. Talvez sejamos o único pastor representante de nossa cidade natal. Temos muitos municípios brasileiros com menos de 165 mil habitantes. Por isso, considere o peso da responsabilidade do seu chamado.

Alguns de nós estamos longe de nossa família, parentes e amigos de infância. Tanto tempo servindo a Deus em lugares distantes que acabamos perdendo um pouco do vínculo com nossas raízes. No entanto, Deus nos tem usado para ser uma bênção como Seus representantes perante Seu povo. A cidade na qual agora estamos exercendo nosso ministério é nossa nova “tribo”, é a cidade que representamos. Alguns de nós cuidamos de um distrito pastoral composto por várias cidades, e isso aumenta nossa responsabilidade perante Deus.

Assim como aqueles 12 espias, nosso dever como representantes dos membros

da igreja é “espiar” a Terra Prometida diariamente, por meio do estudo pessoal da Bíblia, dos momentos de oração e do nosso relacionamento com Cristo. Devemos manter nosso foco na promessa da Segunda Vinda, a fim de animar e exortar nossa “tribo” a ter fé suficiente para entrar na Canaã celestial. Não podemos deixar que o acúmulo de trabalho ou a busca frenética pelas coisas materiais ofusque a razão primordial de nosso ministério: preparar um povo para a volta de Jesus.

O retorno

Canaã era uma terra maravilhosa. Foram necessários dois homens para carregar um cacho de uvas. Contudo, havia alguns desafios peculiares ali. Os gigantes moravam na região; a terra era povoada por amalequitas, heteus, jebuseus, amorreus e cananeus; as cidades eram muito grandes e tinham muralhas gigantescas.

Ao olhar para os desafios, dez daqueles espias trouxeram um relatório pessimista ao povo, e tal informe desmotivou os israelitas. Esses homens foram capazes de influenciar negativamente 2 milhões de pessoas!

Qual tem sido sua atitude frente aos desafios? Você é otimista ou pessimista? Os constantes problemas que precisamos

resolver, a impaciência e incompreensão de alguns irmãos, entre outros fatores, podem nos influenciar a nos tornar pessimistas e amargos. Entretanto, não podemos nos contaminar com esse tipo de comportamento.

Você desempenha um papel fundamental em seu distrito ou em qualquer outra área de atuação. Suas ovelhas serão um reflexo de sua atitude como pastor. No caso dos dez espias, a influência não foi das melhores, pois o povo começou a reclamar contra Moisés (Nm 13:30 pp).

Embora a maioria daqueles homens tenha se deixado influenciar negativamente, a última parte do versículo destaca a atitude positiva de Calebe: “[Ele] os fez calar e disse: Vamos atacar agora e conquistar a terra deles; nós somos fortes e vamos conseguir isso” (NTLH). Calebe não olhou para as dificuldades, mas para a possibilidade de vitória diante daquela situação. O que fez dele alguém tão diferente? Talvez sua intimidade com Deus, pois sua atitude reflete um princípio da Palavra: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

Outro detalhe interessante é que enquanto dez homens prejudicaram drasticamente 2 milhões de pessoas, foi preciso somente um homem para trazer novamente a esperança para toda a nação. Um pastor otimista vale por dez líderes pessimistas.

Talvez você esteja trabalhando numa realidade negativa; no entanto, você pode fazer a diferença, e Deus espera essa atitude.

A rejeição

Depois de algum tempo, os israelitas começaram a reclamar de Moisés por causa do relatório dos dez espias. A rebeldia era tanta que decidiram escolher outro líder que os levasse de volta ao Egito.

Embora Moisés estivesse fazendo seu melhor, o povo não entendeu. Às vezes as pessoas ferem o líder, mas nosso compromisso principal não é com elas, mas com Deus. Isso nos motiva a continuar realizando Sua vontade, apesar das incompreensões.

Os israelitas estavam dizendo que a escravidão no Egito era melhor que a liberdade no deserto. A igreja precisa compreender que não importa o que aconteça, será sempre melhor estar em liberdade com Deus, apesar dos sofrimentos, do que em escravidão no território do pecado.

A atitude do líder

Moisés poderia ter dito aos israelitas rebeldes tudo o que havia renunciado para conduzi-los à terra prometida; porém, ele se prostrou em frente ao povo e orou a Deus.

Nós pregamos sobre a oração e falamos constantemente acerca desse assunto, mas será que temos usado essa ferramenta em nossas batalhas espirituais? Em momentos de crise, temos feito da oração nossa salvaguarda contra o mal? Temos passado tempo suficiente com Deus?

A oração foi a chave para solucionar aquele problema. Logo depois, Deus inspirou outro homem a se colocar em pé e animar o povo, Josué.

O foco adequado

Josué se levantou e falou com convicção que a região era boa. Ele destacou algo que fez toda a diferença: “Se o Senhor Deus nos ajudar, Ele fará com que entremos nela e nos dará aquela terra” (Nm 14:8).

Josué sabia que havia gigantes em Canaã, pois viu vários deles ao espiar a terra. Ele sabia que os israelitas não tinham nenhum preparo para a guerra. Entretanto, Josué também sabia que o êxito para conquistar aquele território não dependia das habilidades do povo, mas da confiança no poder divino.

Que atitude! Que líder! Atualmente, precisamos de líderes como Josué. Homens consagrados ao Senhor que tenham consciência de que o êxito nas coisas espirituais não depende de nossas habilidades, mas do poder do Alto. Deus fará em nosso favor o que jamais poderíamos realizar sozinhos.

Qual tem sido nossa atitude como líderes espirituais? É claro que isso não exclui o preparo pessoal. Todavia, o Senhor prefere trabalhar com um servo humilde e sem muitas habilidades, mas que se coloca em Suas mãos, a trabalhar com alguém repleto de habilidades, mas que seja orgulhoso e arrogante.

Nossa atitude perante Deus e os homens determinará nosso sucesso ou fracasso. O Senhor espera que seus ministros sejam como Josué e Calebe – líderes de atitude. Assim como eles influenciaram e conduziram o povo rumo à Canaã terrestre, Deus conta conosco para conduzir Seu povo à Canaã celestial. **TM**

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Histórias de coragem, fé e amor pela missão que vão inspirar você.

Leia a meditação *Pôr do Sol na Janela 10/40*.



Também disponível em iOS e Android. Baixe o app *Pôr do Sol*.



Gentileza do autor

O *Verbo* de João

Uma reflexão sobre
a origem do termo
logos usado no quarto
evangelho



No prólogo de seu evangelho, João usou quatro vezes a palavra *logos* (“verbo” ou “palavra”). Além de se referir à Palavra escrita, o vocábulo se relaciona também ao próprio Jesus. Entretanto, de onde o apóstolo tirou esse termo? Do pensamento hebraico, da filosofia grega, de ambos, ou de nenhum? O relato da criação, em Gênesis 1, parece ser a fonte mais óbvia. Contudo, isso não descarta outras possibilidades. Pergunta-se, portanto, se o *logos* de João se liga somente à teologia judaica ou também à filosofia grega.

A grande questão

O uso filosófico do termo começou com Heráclito (535-475 a.C.), em quem o *logos* tem a função de corrigir os desvios da eterna lei que governa as coisas, sendo o poder de conferir ordem e racionalidade ao *kosmos*. Daí, o sentido de “razão”. Em Platão, o *logos* assume uma posição secundária em relação a outros elementos ordenadores do mundo: a “sabedoria” (*sophia*) e a “mente” (*nous*). Com os estoicos, o *logos* ganha pessoalidade, revestindo-se de capacidade de criação, transcendência e imanência. Em Filo, o *logos* assume caráter hipostático, sendo tanto uma faculdade quanto uma pessoa: filho, primogênito de Deus, mediador, entendimento divino planejador, pastor do rebanho, sumo-sacerdote, advogado, arcanjo, vice-rei, seio materno, penhor, pilar, princípio e arquétipo. O termo, portanto, varia da impessoalidade para a pessoalidade, do atributo para a substância. Nas religiões helenísticas, finalmente, o *logos* se torna um meio de salvação. Na Septuaginta (LXX), o *logos*-palavra parece ser apenas uma personificação em Gênesis, Salmos e nos profetas, mas assume caráter de hipóstase nos livros sapienciais. No Novo Testamento, é em Colossenses, Hebreus e Apocalipse que o *logos* recebe ênfase, atingindo o clímax no prólogo de João.

A fusão entre o *logos*-razão da filosofia grega e o *logos*-palavra do pensamento hebraico só ocorreu depois do período de escrita do Novo Testamento, por influência

gnóstica, e sob os auspícios de pensadores como Basílides, Valentino, Cerinto, Orígenes, Teófilo, Atenágoras, Taciano, Clemente de Alexandria, Eusébio de Cesareia e, mais do que todos os outros, Justino Mártir. Por essa razão, J. Danson se referia ao *logos* como o *shibboleth* na história da heresia.¹ Para escapar disso, alguns estudiosos tomaram medidas extremas. Ernst Haenchen, por exemplo, negou a existência de um prólogo no quarto evangelho.² Por sua vez, E. Miller propôs que o prólogo tenha sido escrito por último, justificando assim o conceito de que João teria desenvolvido a ideia da encarnação ao primeiramente escrever o evangelho. Seguindo o raciocínio, o apóstolo teria se beneficiado dessa reflexão ao adicionar o prólogo, por último, como uma espécie de resumo da teologia que havia desenvolvido ao escrever seu livro.³

Até pouco tempo, os estudiosos do NT tendiam a afirmar que o termo *logos* no prólogo joanino não podia refletir uma influência da filosofia grega.⁴ Contudo, na seção, existe a presença de outros elementos filosóficos, além do *logos*. O tratamento, por exemplo, que o evangelho de João dá, desde o início, ao contraste entre luz e trevas (1:5-9; 3:19; 8:12; 12:46) apresenta ecos da famosa parábola da caverna de Platão (*República* 514a-520a).⁵ Nesse contexto, perguntar qual foi a influência da cultura helênica no cristianismo pode ser algo superficial. Na prática, o judaísmo estava conjugado ao helenismo muito antes do início do movimento cristão. James Barr, um hebraísta, criticou a ideia de que o pensamento hebraico e o helenismo formavam dois sistemas completamente distintos e antagonísticos.⁶ Daniel Boyarin foi ainda mais enfático: o judaísmo era uma forma helenística de cultura.⁷ Mesmo quando os judeus finalmente conseguiram expulsar os invasores gregos da Palestina, “os sumo-sacerdotes e os reis hasmoneus posteriores tiveram que reconhecer que, por razões de Estado, eles não mais podiam prescindir da tecnologia,

economia, lei, táticas bélicas e língua dos gregos”.⁸

Na época de João, o helenismo foi o ponto de apoio de onde o mundo todo pôde ser movido pela alavanca do evangelho. Para Francis Peters, “os temas locais continuavam a circular; cada vez mais, porém, como fichas coloridas que só podiam ser resgatadas pela exegese racional da bancada grega”.⁹ Nesse sentido, *logos* foi um termo criativo da filosofia grega ao redor do qual flutuaram diversas ideias do pensamento hebraico, na exposição sistematizada e organizada de conceitos tão variados quanto a *shekinah* ou a glória de Deus, o nome, a mente ou a vontade de Deus, o arcanjo ou querubim, a sabedoria ou palavra, o sumo-sacerdote, o criador ou arquiteto, o mediador ou homem celestial, o súplice ou paráclito, Melquisedeque ou rei de Salém, entre outros.¹⁰ Por isso, em vez de tratar a teologia do *logos* como um produto específico do cristianismo, faz muito mais sentido tratá-la como um elemento comum entre judaísmo e cristianismo, pois as duas religiões se encontravam imersas no meio helenístico que lhes dava expressão. Um estudo comparativo de Filo, dos Targumim e do quarto evangelho apoia essa sugestão.¹¹ Foi a revelação que mostrou a João a verdade sobre o *logos*, mas a palavra usada para expressar tal verdade foi escolha dele. Então, por que nos surpreendermos de que o autor tenha escolhido um termo que estava ao seu alcance, que fazia parte de seu universo conceitual e que tinha uma longa associação com a expressão aramaica *mēmṛā* no mundo judaico?

O peso da evidência aponta para a literatura sapiencial judaica como fonte mais imediata de onde João teria buscado a associação entre o Cristo encarnado e o conceito de Verbo. No entanto, mesmo que o prólogo tenha encontrado ali sua inspiração, isso não anula sua dependência de influências gregas, uma vez que “temos que reconhecer as sólidas conexões da primitiva filosofia grega com a antiga literatura sapiencial”.¹²

Além disso, “na época do quarto evangelho, os conceitos de *logos* e *sophia* tinham se tornado mais ou menos sinônimos, pelo menos em algumas áreas do pensamento judaico”.¹³

A intensificação da polêmica

Pode até parecer que estamos andando em círculos, pois encontrar uma fonte hebraica ou aramaica para um conceito análogo não responde à pergunta que se quer aclarar. Por que João optou por um termo grego de enorme carga filosófica, em vez de um termo mais neutro como, por exemplo, *rhêma* (“palavra”),¹⁴ que ocorre em João 12:47 e em praticamente todos os livros da LXX e quase tantas vezes quanto *logos*, inclusive nas expressões “palavra do Senhor” (Gn 15:1; Êx 9:20-21; Nm 15:31; 22:18; 24:13; Dt 1:43; Js 3:9; 1Sm 3:1; 8:10) e “palavra de Deus” (1Sm 9:27; Is 40:8; Jr 1:1)?¹⁵ Em João 8:56, Jesus afirma ter se revelado a Abraão antes da encarnação. Contudo, a passagem da LXX que aponta para essa revelação nos primórdios da história bíblica (Gn 15:1), emprega o termo *rhêma*, equivalente ao hebraico *dābār*, o que sugere que João tinha a opção de empregar a palavra *rhêma* para se referir à encarnação, mas escolheu o termo *logos*. No Targum de Gênesis 15:6, é dito, porém, que Abraão creu no *mēmra’* de Deus, o que sugere que há equivalência entre o termo hebraico *dābār* e o aramaico *mēmra’*.¹⁶ Portanto, pode até ser que, ao escolher *logos* para seu prólogo, João estivesse simplesmente dizendo que as palavras *rhêma* e *logos* podem ser usadas uma pela outra, assim como *dābār* e *mēmra’*. Afinal de contas, ele não citava da LXX. Permanece, portanto, a indagação: por que ele escolheu *logos*?

Daniel Boyarin polemizou ainda mais a discussão. Para desvestir o cristianismo de sua alegação de que a doutrina do *logos* tenha sido uma contribuição original de

João, esse teólogo liberal tenta demonstrar que o *logos* deriva do *mēmra’* judaico. Além disso, ele tenta estabelecer que a hipótese de *mēmra’/sophia* não foi consequência da adoração de Jesus, mas que a adoração de Jesus se tornou possível porque já havia essa hipótese na teosofia judaica antes do prólogo joanino. Por esse motivo, Boyarin alega que o cristianismo não passou de uma junção da soteriologia messiânica do judaísmo com a teologia judaica do *logos*, sendo que o “mito” de Cristo, principalmente como personificação da Torah, teria se desenvolvido de dois mitos secundários: a descida da hipótese

Teólogos conservadores e liberais se batem na expectativa de defender ou atacar a ideia de que alguma filosofia grega possa ter influenciado um texto bíblico de tanta importância.

feminina (*sophia*) e uma estrutura narrativa que apresenta um homem justo paradigmático que sofre e é vindicado por Deus.¹⁷

Não há, aqui, uma preocupação com a originalidade do *logos*, mas com o fato de que a discussão do assunto tem sido desenvolvida na contramão do que, de fato, ocorre no prólogo joanino. Teólogos conservadores e liberais se batem na expectativa de defender ou atacar a ideia de que alguma filosofia grega possa ter influenciado um texto bíblico de tanta importância. Esses interlocutores estão tão preocupados em olhar para os dois lados

antes de atravessar a rua, que se esquecem de prestar atenção ao semáforo. O caso não é tanto que João estivesse ou não sendo influenciado pela filosofia grega, mas que se preocupasse em revestir sua narrativa com um tipo de retórica filosófica para alcançar gentios e judeus. O prólogo joanino assume caráter indiscutivelmente central. Trata-se de um resumo de todo o evangelho.

Quando o apóstolo buscou uma palavra na qual centralizar a ideia da encarnação, ele escolheu um termo técnico, mas foi, porém, muito feliz (alguns diriam “genial” ou “brilhante”)¹⁸ ao optar por uma expressão que tinha relevância tanto para judeus quanto para gentios. A escolha do termo *logos* como carro-chefe de sua pregação facilitou seu acesso aos intelectuais gregos. Seu evangelho é, por isso, tão inclusivo quanto a famosa citação de Justino Mártir (*Apologia* 46.3), de que os que conhecem o *logos* são cristãos, mesmo que seus nomes sejam Sócrates e Heráclito. E por que não seriam, se uma crença comum dos judeus na Antiguidade era a de que anjos haviam dado a lei aos judeus e a filosofia aos gregos (Clemente de Alexandria, *Tapeçarias* 6.17)?

Entretanto, o prólogo não é, pura e simplesmente, um tratado de filosofia. Sua intenção era a de explicar o evangelho de uma forma compreensível também para os gregos. George Gilbert sugere que o melhor título para o evangelho de João seria “Cristo para o filósofo grego”.¹⁹ Ezra Gould o chama, por sua vez, de “evangelho alexandrino”.²⁰ Se João não fosse um autor canônico, talvez não tivéssemos nenhuma hesitação em aplicar-lhe o título de “alexandrino”, como o fazemos a Filo. Nossa relutância em pensar isso do apóstolo vem de nossa devoção à ideia de que a sabedoria de Deus pode prescindir dos mecanismos humanos, e ao preconceito de que a filosofia grega era mundana e abstrata demais para servir de âncora à verdade das Escrituras.

Isso não significa, entretanto, que João tenha endossado todo tipo de filosofia. Apesar de seu evidente esforço de inclusão, o evangelista se mostrou avesso à tentativa exclusivamente humana de dar sentido à missão de Jesus ou à salvação. Por isso, de acordo com H. B. Bonsall, ele refuta: (1) o politeísmo; (2) o culto ao imperador; (3) o pendor ético e racional da filosofia grega; (4) as religiões de mistério; (5) o ocultismo; (6) o gnosticismo; (7) o judaísmo; e (8) o mandaísmo.²¹ No mínimo, porém, o prólogo joanino despera no leitor a expectativa de que a explanação do evangelho no restante do livro apresentará características filosóficas. Para Ezra Gould, “se o restante do evangelho tivesse sido escrito a partir de outro ponto de vista, seria a disjunção mais curiosa da literatura bíblica”.²²

A solução

A opção joanina pelo *logos* é de uma felicidade ímpar para o desenvolvimento do cristianismo. Ela foi muito mais do que a aplicação fortuita de um termo filosófico a um sentido teológico. Ela representa, em vez disso, a opção dos primeiros cristãos por oferecer ao mundo o evangelho de Cristo sob a perspectiva da lógica e da racionalidade, conforme estas foram desenvolvidas pela filosofia grega. Ao empregar um termo filosófico de ampla circulação em sua época e lugar, João retoricamente propõe uma moldura teórica para seu evangelho e estipula o tipo de público ao qual este se destina. Quer engajar o leitor em uma discussão mais espiritual e abstrata; quer tecer comentários que satisfaçam à mais rigorosa lógica; quer incluir os intelectuais, sendo suficientemente claro e simples para não menosprezar os simples; quer inspirar e convencer. Isso explica também por que o termo *logos* desaparece de seu evangelho depois do prólogo. Seus leitores já estavam “fisgados”.

Podia então se dedicar a explicar abertamente que se referia a Jesus Cristo.

Nos primeiros séculos da igreja cristã, há relatos de filósofos pagãos que foram positivamente impactados pelo prólogo joanino. Um exemplo vem de um campeão da fé cristã, Justino Mártir (100-165 d.C.), que, conforme expresso em sua primeira apologia, converteu-se quando viu que Cristo era o *logos* de quem falavam os filósofos. Outro exemplo é o filósofo neoplatônico Amélio Gentiliano (c. 250 d.C.), que foi citado algumas vezes na Antiguidade, uma das quais por Eusébio de Cesareia (*Preparação Evangélica* 11.19), por se demonstrar

A retórica joanina, emoldurada como está por um conceito tão grego e tão central quanto a ideia do *logos*, não perde, por isso, sua autenticidade, inspiração ou autoridade.

impressionado com a forma com a qual João expressou a doutrina do *logos* no prólogo de seu evangelho. Fica claro que, sem explicar nada sobre o termo, o apóstolo usou-o para se aproximar de um público mais amplo. Assim, os gregos pensariam, inicialmente, que se referia ao princípio racional que dirigia o universo, e os judeus pensariam que se tratava da personificação da sabedoria.²³ John Reid imagina como seria se o próprio João tivesse que explicar por que usou o termo *logos* em seu prólogo:

“Havia um grupo de crentes na igreja apostólica que eu não conseguia tirar da

minha cabeça: os helenistas. Eram gregos cultos acostumados a pensar principalmente em termos filosóficos e místicos. Há um breve parágrafo em meu evangelho que é muito significativo a esse respeito: o parágrafo que fala que certos gregos subiram a Jerusalém na época da Páscoa. Eles se aproximaram de Filipe, um dos discípulos de Jesus, e disseram: – Moço, queremos ver Jesus. Em meu evangelho eu quis satisfazer essa sua curiosidade benfazeja. Eu quis explicar Jesus, Sua vinda e Seu ministério de uma forma que fosse compreendida e apelasse à mente culta dos gregos. Meu prólogo ou introdução é uma boa ilustração disso.”²⁴

De fato, além da menção do *logos*, há vários aspectos que sugerem que o evangelho de João tenha funcionado como uma peça retórica criada para atrair a mente filosófica.²⁵ Primeiramente, ao contrário dos sinóticos, ele não fez nenhuma tentativa de se passar por uma biografia de Jesus. Segundo, não demonstrou interesse em uma cronologia exata dos feitos de Cristo. Terceiro, apresentou longos discursos de Jesus à moda das preleções de Sócrates nos diálogos platônicos. Quarto, lançou as ideias de Cristo em metáforas surpreendentes, dramatizando os momentos históricos para que alcançassem uma sugestibilidade supra-histórica, para isso empregando símbolos e analogias. A concretização desse nível de percepção intuitiva só lhe foi possível por causa de sua longa e profunda experiência com o Mestre. Além disso, o termo *logos* aparece, no prólogo joanino, em íntima associação com outras expressões de longo pedigree filosófico: *panta* (“todas as coisas”, isto é, o “universo”); *kosmos* (“mundo”); *sarx* (“carne”) e *en archêi* (“no princípio”). Portanto, a presença de *logos* no prólogo não é acidental, mas tenta desafiar a mente filosófica contemporânea.²⁶

Conclusão

O cristão não deveria se sentir diminuído pelo fato de João ter usado um termo da filosofia grega. Afinal, o que um artista cristão sente ao fazer uso de um dispositivo eletrônico, inventado provavelmente por um ateu, para gravar a música que Deus o inspirou a compor? Deveríamos celebrar o fato de que o apóstolo, portador de uma mensagem tão inclusiva e tão extraordinariamente amorosa, tenha se disposto a recorrer às ferramentas mais poderosas que tinha à disposição para transmiti-la. Segundo Francis Peters, “na filosofia, as obras lógicas e físicas dos mestres gregos foram convocadas para suprir rigor conceitual e energia exegética à obra contínua da teologia cristã”.²⁷ No *logos* de João, encontramos o passo inicial desse movimento. A filosofia e a retórica dos gregos eram criações humanas. Em que pese sua sofisticação, não se pode dizer que fossem ferramentas perfeitas. Eram, porém, as melhores ferramentas que estavam à disposição e foram, por isso, usadas desde o começo.

Jacques Derrida promoveu uma rejeição do que classifica como “época metafísica”, que define como “a época mais estrita do criacionismo e infinitismo cristãos, quando estes se apropriaram dos recursos do conceitualismo grego”.²⁸ Não obstante o posicionamento adverso desse filósofo, não se pode negar sua compreensão precisa da situação. Pelo menos em relação ao prólogo de João, foi exatamente isso o que ocorreu. O apóstolo lançou mão de um importante conceito da filosofia grega e se apropriou dele para a comunicação da mensagem evangélica. Herbert Schneidau lamenta o repúdio de Derrida a essa prática cristã e afirma: “não será suficiente, porém, dizer simplesmente que, doravante, seremos hebreus em vez de gregos. Não podemos, nem no campo religioso, nem em qualquer outro, irrefletidamente rejeitar a metafísica”.²⁹

A retórica joanina, emoldurada como está por um conceito tão grego e tão central quanto a ideia do *logos*, não perde, por isso, sua autenticidade, inspiração ou autoridade. Ao contrário, o esforço que o apóstolo fez para falar à mente filosófica, dá testemunho quanto ao universalismo de sua mensagem, capaz de atingir a todos os tipos de público, inclusive as pessoas mais cultas e críticas. Essa é mais uma razão pela qual seu evangelho é tão diferente dos demais. Sendo assim, o quarto evangelho fica em plena harmonia com o ideal paulino (Cl 3:10-11) de que, para Deus, não há mais distinção entre judeu e grego, pois “Cristo é tudo em todos”.³⁰ **M**

Referências

- ¹ J. M. Danson, “The doctrine of the *logos*: its genesis and corruption”, *The Expositor*, v. 6, 1892, p. 79.
- ² Ernst Haenchen, *Gott und Mensch, Gesammelte Aufsätze* (Tübingen: Mohr, 1965), p. 117.
- ³ E. L. Miller, “The Johannine origins of the Johannine *logos*”, *Journal of Biblical Literature*, v. 112, n. 3, 1993, p. 445-457.
- ⁴ R. M. Price, “‘Hellenization’ and *logos* doctrine in Justin Martyr”, *Vigiliae Christianae*, v. 42, 1988, p. 20.
- ⁵ C. Ackerman, *The Christian Element in Plato and the Platonic Philosophy* (Edinburgh: T & T Clark, 1861), p. 41-44.
- ⁶ James Barr, *The Semantics of Biblical Language* (Oxford: OUP, 1961), p. 8-20; James Barr, *Old and New in Interpretation: A Study of the Two Testaments* (London: Harper & Row, 1966), p. 34-64.
- ⁷ Daniel Boyarin, “The gospel of the *mēmra*: Jewish binitarianism and the prologue to John”, *Harvard Theological Review*, v. 94, n. 3, 2001, p. 246.
- ⁸ Martin Hengel, *The Hellenization of Judaea in the First Century After Christ* (Philadelphia: Trinity, 1989), p. 30.
- ⁹ Francis E. Peters, “Hellenism and the Near East”, *Biblical Archaeologist*, v. 46, n. 1, 1983, p. 36.
- ¹⁰ Charles Bigg, *The Christian Platonists of Alexandria* (Oxford: Clarendon, 1886), p. 15-20.
- ¹¹ Boyarin, p. 248.
- ¹² Hartmut Gese, “Wisdom, Son of Man, and the origins of Christology: the consistent development of Biblical theology”, *Horizons in Biblical Theology*, v. 3, 1981, p. 27.
- ¹³ Russell B. Norris Jr., “*Logos* Christology as cosmological paradigma”, *Pro Ecclesia*, v. 5, n. 2, 1996, p. 189.

- ¹⁴ Mesmo no quarto evangelho as duas palavras têm uso frequente. João emprega *logos* 39 vezes e *rhēma* 12 vezes (uma ocorrência surpreendentemente mais comum do que a de Mateus e Marcos), mas *rhēma* nunca é usada em referência ao *logos* encarnado.
- ¹⁵ Outro termo grego, usado várias vezes na LXX, em Esdras, Daniel e também no livro de Salmos, que João poderia ter usado para se referir ao Verbo de Deus seria a palavra *gnômê* (“pensamento, decreto”) que, no emprego dos filósofos pré-socráticos, “é certamente a mesma coisa que *logos*”, “o princípio ativo que dirige o universo” (William K. C. Guthrie, “The pre-socratic world-picture”, *Harvard Theological Review*, v. 45, n. 2, 1952, p. 96).
- ¹⁶ A LXX traduz geralmente por *logos* três palavras hebraicas: *dābār*, *ōmer* e *millāh*. Nos Targumim, os equivalentes aramaicos seriam *mēmra* e *dibūrā* (Eric May, “The *Logos* in the Old Testament”, *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 8, n. 4, 1946, p. 438).
- ¹⁷ Boyarin, p. 281.
- ¹⁸ “Foi, sem dúvida, genial que o autor do prólogo empregasse a categoria do *logos*, dado seu rico e variado significado tanto nas tradições helenísticas quanto nas judaicas” (Robert D. Kysar, “Christology and controversy: the contributions of the prologue to the gospel of John to New Testament Christology and their historical settings”, *Currents in Theology and Mission*, v. 5, n. 6, 1978, p. 348). “O quarto evangelista escolheu seu termo brilhantemente” (Darryl Wood, “The *logos* concept in the prologue to the gospel of John”, *The Theological Educator*, v. 38, 1988, p. 86).
- ¹⁹ George H. Gilbert, “From John Mark to John the theologian: the first great departure from primitive Christianity”, *Harvard Theological Review*, v. 16, n. 3, 1923, p. 257.
- ²⁰ Ezra P. Gould, “The Alexandrian gospel”, *Journal of Biblical Literature*, v. 19, n. 1, 1900, p. 5.
- ²¹ H. B. Bonsall, *The Son and the Word* (London: Christian Literature Crusade, 1972), p. 51-57.
- ²² Gould, p. 5.
- ²³ W. Hall Harris, “A theology of John’s writings”, em Roy B. Zuck (ed.), *A Biblical Theology of the New Testament* (Chicago: Moody, 1994), p. 191.
- ²⁴ John C. Reid, “‘I wrote the last gospel’”, *The Reformed Journal*, junho de 1961, p. 16.
- ²⁵ Edwin Lewis, “Philosophy and the fourth gospel: the Word became flesh”, *The Review and Expositor*, v. 44, n. 4, 1947, p. 436-437.
- ²⁶ Lewis, p. 436.
- ²⁷ Peters, p. 39.
- ²⁸ Jacques Derrida, *Of Grammatology* (Baltimore: Johns Hopkins University, 1976), p. 13.
- ²⁹ Herbert N. Schneidau, “The word against the word: Derrida on textuality”, *Semeia*, n. 23, 1982, p. 14-15.
- ³⁰ Edwin Lewis, “Philosophy and the fourth gospel: the timeless of the timeless”, *The Review and Expositor*, v. 45, n. 1, 1948, p. 27.

CPB Books

sua biblioteca de livros digitais



Leia, marque e compartilhe os trechos favoritos nas redes sociais e via SMS. Tudo em um ambiente de leitura agradável com controle total sobre as fontes e o brilho, entre outros recursos.

**Um produto com a qualidade CPB Digital.
Divulgue para seus amigos!**

Hélio Carnassale

Líder do Departamento de
Assuntos Públicos e Liberdade
Religiosa para a Igreja
Adventista na América do Sul



Cortesia do autor

Livres para crer

A defesa da liberdade religiosa é um dever do cristianismo moderno





Um dos primeiros departamentos criados na Igreja Adventista do Sétimo Dia foi o Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa. “Seu propósito é dar visibilidade à Igreja Adventista na esfera pública e trabalhar para colocar a denominação e seus serviços em uma posição de credibilidade, confiança e relevância em relação aos governos em suas distintas esferas. Para alcançar esse objetivo é necessário que haja trabalho intencional e diligente.”¹

Para tanto, faz-se necessário estabelecer contato com presidentes, ministros, governadores, senadores, deputados federais e estaduais, oficiais do poder judiciário, prefeitos, vereadores, líderes comunitários e religiosos e outras pessoas cujas função esteja relacionada aos interesses da Igreja Adventista. O Departamento de Liberdade Religiosa é nossa face pública e funciona como ligação oficial entre a igreja e a sociedade.

Além disso, ele também está envolvido na mediação, legal ou política, para solucionar questões de intolerância religiosa ao redor do mundo. Para esse fim, existe a IRLA – *International Religious Liberty Association* – a mais antiga entidade na luta em favor da liberdade religiosa, criada em 1888. Seus desafios abrangem lidar com a discriminação por motivos religiosos em escolas, locais de trabalho ou em relação à prática da fé. A IRLA também mantém um representante na ONU e um oficial em Washington, D.C., que trabalha em parceria com a Casa Branca, o congresso e a comunidade diplomática americana.

De acordo com o *Pew Research Center* “o número de países com alta restrição religiosa diminuiu levemente entre 2013 e 2014 (de 37 para 32). Em contraste, o número de países com restrições moderadas aumentou de 45 para 57. Em 2014, 93 países (47%)

tinham baixos níveis de restrições governamentais, sendo esse número um pouco menor que em 2013 (98 países ou 49%).”²

Sendo parte intrínseca da missão adventista, o Departamento de Liberdade Religiosa necessita de pastores, professores, administradores, advogados, teólogos, cientistas sociais e políticos, economistas e outros profissionais em cada Associação e igreja. Ele faz planos e realiza esforços em todas as suas atividades para apresentar ao mundo a voz distintiva da igreja, sua identidade, sua mensagem, suas atividades, suas perspectivas e seus valores.

Essa responsabilidade foi assim descrita por Ellen White: “A bandeira da verdade e da liberdade religiosa desfraldada pelos fundadores da igreja do evangelho e pelas testemunhas de Deus durante os séculos decorridos desde então foi, neste último conflito, confiada às nossas mãos. A responsabilidade por esse grande dom está sobre aqueles a quem Deus abençoou com o conhecimento de Sua Palavra.”³

O que fazer com essa herança? Há duas palavras que resumem muito bem toda ação em favor dessa causa: *promoção* e *defesa*. Devemos promover a liberdade religiosa em tempos de paz ou de crise, como um direito humano fundamental. Isso inclui liberdade de consciência e de crença, liberdade de culto e de expressão, liberdade de propriedade e liberdade para realizar irrestritamente as atividades da igreja. Acreditamos nisso porque desejamos que a mensagem do evangelho alcance toda pessoa, antes que venham os tempos em que as restrições dificultem a pregação.

Assim, trabalhamos por uma liberdade inclusiva e não exclusiva, ou seja, não pensamos somente em nossa própria liberdade, mas na liberdade de todo ser humano, ainda que não compartilhem as mesmas crenças nem a mesma ideologia. O artigo 18 da

Declaração Universal dos Direitos Humanos diz: “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.”⁴

Além de promover a liberdade religiosa, acreditamos no direito de defesa e proteção àqueles que são vítimas de intolerância, em qualquer nível ou instância. Desse modo, incentivamos a atitude de que todo conflito deve ser resolvido primeiramente com diálogo e entendimento. Quando isso é impossível e persiste a repressão, a igreja dispõe de declarações e requerimentos que contém solicitações específicas, motivos corretos e abordagem adequada daquilo que se pretende.

Finalmente, quando os esforços preliminares não produzem os resultados esperados e as solicitações por meio das declarações e dos requerimentos oficiais são negadas, então, incentivamos que mais um passo seja dado, isto é, o da busca por justiça, utilizando recursos apresentados na Constituição Federal de cada país. Os oito países que compõem o território da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista asseguram direitos à liberdade religiosa, inclusive no que diz respeito aos dias de guarda. Quando existe alguma demanda judicial referente ao tema, o papel dos advogados da organização adventista é atuar como consultores e não como defensores, dando toda a orientação e apoio aos advogados constituídos.

Há várias organizações não governamentais, lideranças religiosas de diversas denominações e entidades da sociedade civil unidas nessa causa. É preciso que mais líderes e membros despertem para esse ministério e se envolvam em ações práticas em favor da liberdade religiosa. Em relação às congregações adventistas, um primeiro e grande esforço que cada pastor pode fazer é nomear pelo menos um diretor de

liberdade religiosa distrital. Os departamentos das Associações locais podem capacitar esses membros voluntários. Para facilitar esse processo, o Departamento de Liberdade Religiosa da Igreja Adventista para a América do Sul está preparando um manual explicativo.

Em relação aos fatos que, de alguma maneira, relacionam-se com a questão da liberdade religiosa, devemos evitar os extremos e fugir de comportamentos marcados pela exploração do fanatismo, sensacionalismo e fatalismo. Alguns temas referentes às profecias do tempo do fim sempre despertam a atenção e o interesse por parte de alguns. Há que se conservar o equilíbrio na abordagem desses assuntos, mas não podemos nos furtar ao dever de estudá-los e apresentá-los à luz da Palavra de Deus e dos escritos inspirados.

Em junho deste ano, um padre jesuíta foi nomeado presidente da Comissão de Liberdade Religiosa dos Estados Unidos. Ele foi indicado diretamente pelo presidente Barack Obama, conforme noticiou o site *Catholic News Agency*.⁵ A introdução do artigo destacou: “A Comissão Internacional de Liberdade Religiosa dos Estados Unidos tem um novo presidente e, pela primeira vez, essa função será ocupada por um sacerdote católico.” De acordo com a reportagem, “o padre jesuíta Thomas Reese foi primeiro nomeado, em 2014, para um mandato de dois anos como membro da comissão pelo presidente Barack Obama. Em 2016, ele foi reconduzido a mesma função”. Atualmente, ele é o presidente da organização, “uma comissão bipartidária e independente que monitora e acompanha as violações da liberdade religiosa ao redor do mundo, elabora políticas e prepara pareceres e recomendações para a Secretaria de Estado, o Congresso e o presidente”.

Devemos ficar alertas à medida que a influência de uma única igreja se torna majoritária por meio da ocupação de postos de influência no cenário político mundial,

especialmente, nos Estados Unidos. No momento, não há motivos para alardes, mas é necessário prestar atenção a esses movimentos.

Outra notícia que ganhou destaque foi o *Together2016*, um evento que reuniu, em 16 de julho, centenas de milhares de pessoas em Washington, D.C. Cristãos de várias denominações se uniram em oração pela paz mundial e, especialmente, em favor dos Estados Unidos, depois da morte de alguns cidadãos negros por policiais brancos. O fato não deve ser explorado de modo sensacionalista, à luz da compreensão profética adventista. Contudo, é preciso estar atento para avaliar a possibilidade de existir motivos não explícitos e acompanhar os desdobramentos que se seguirão.

Como escreveu Ganoune Diop, líder mundial do Departamento de Liberdade Religiosa da Igreja Adventista, “os adventistas veem a si mesmos como um movimento de restauração [...], tendo uma missão específica para o tempo do fim e apresentando uma mensagem [...] que está em completa harmonia com [...] ‘o evangelho eterno de Jesus Cristo’. Os adventistas têm, portanto, uma voz distintiva entre os cristãos, entre as religiões do mundo e as várias filosofias”.⁶ Por isso, acreditamos na liberdade religiosa e por ela trabalhamos, pois desejamos ardentemente ver o “evangelho eterno alcançar a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6). **M**

Referências

¹ Ganoune Diop, *The Foundations and Functions of Public Affairs and Religious Liberty*, p. 5.

² Pew Research Center, *Trends In Global Restrictions on Religions*, <pewforum.org>, acesso em 29/8/2016.

³ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, <egwwritings.org>, p. 38.

⁴ Organização das Nações Unidas, *Declaração Universal de Direitos Humanos*, Artigo 18, <dudh.org.br>, acesso em 29/8/2016.

⁵ Catholic News Agency, “Jesuit appointed head of US religious freedom commission”, <catholicnewsagency.com>, acesso em 29/8/2016.

⁶ Diop, p. 33.



CONCURSO DE ARTIGOS

A revista **Ministério** está promovendo pela primeira vez o Concurso de Artigos para estudantes de Teologia. Todos os alunos matriculados em programas de graduação ou pós-graduação podem participar.

TEMA E REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

1. Em 2017 serão celebrados os 500 anos da Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero. Aproveitando essa ocasião histórica, o tema dos artigos deverá relacionar-se com esse evento. Os textos podem explorar aspectos *bíblicos, históricos, teológicos* e *aplicados* que dialoguem com a Reforma.
2. Todos os artigos deverão seguir as orientações contidas no Guia para Escritores preparado para o concurso. Ele está disponível no site www.revistaministerio.com.br ou poderá ser solicitado no seguinte endereço: ministerio@cpb.com.br.
3. Os textos deverão ser enviados em MS Word para o e-mail ministerio@cpb.com.br. Por favor, inclua as seguintes informações no cabeçalho do artigo: nome, endereço, e-mail, telefone, afiliação religiosa, nome da instituição educacional em que está matriculado e o título do manuscrito.
4. Será aceito somente um artigo por autor.

PRÊMIOS

1º lugar: Coleção Minicentro Ellen G. White

2º lugar: Coleção Comentário Bíblico Adventista

3º lugar: Bíblia de Estudo Andrews

A comissão avaliadora será formada pela equipe editorial da *Ministério*, por representantes do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia e da Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Publicação

1. Não haverá devolução dos artigos enviados.
2. Os ganhadores do concurso darão à revista *Ministério* os direitos de publicação do artigo. Embora os editores pretendam publicar esses textos, a publicação não é garantida.

Data limite de inscrição:

Os textos deverão ser enviados até **30 de maio de 2017**.

Apoio:



Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia
Associação Ministerial

O evangelho que **socorre**

Desde 2015, eu e minha esposa estamos servindo a Deus e à Sua igreja na União do Norte da África e Oriente Médio, com sede em Beirute, Líbano. Nosso Campo compreende 20 países, desde Marrocos, no noroeste da África, até Omã, no sul da Península Arábica. Contamos com uma população aproximada de 540 milhões de pessoas, que falam árabe, francês, farsi e turco, entre outros idiomas.

Essa região pode ser considerada o berço do cristianismo. De acordo com os historiadores, até o sexto século o cristianismo era a religião predominante. Atualmente, porém, a maioria de sua população é muçulmana.

Vocês podem imaginar os grandes desafios que temos ao levar avanti a comissão encontrada em Mateus 28:19, entregue por Jesus a Seus discípulos e que é fundamental para o cumprimento da missão da igreja.

Não foi difícil nos adaptarmos a um novo país, depois de servirmos sete anos em Brasília. Já havíamos trabalhado na ADRA (Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais) em outros lugares além do Brasil, como Ruanda, Bolívia, Angola e Moçambique. Tivemos a oportunidade de viver em diferentes culturas e, no Oriente Médio, embora muitos costumes sejam diferentes, sentimos-nos à vontade. O Líbano é um país que tem bom relacionamento com o Brasil. Para se ter uma ideia, há mais libaneses vivendo no Brasil do que em seu próprio país. Somos afortunados porque aqui, e na maioria dos países da região, a alimentação é

muito saudável, de tal modo que consumimos muitas frutas e verduras.

Quanto à comunicação, falamos inglês. No Líbano, as duas línguas oficiais são o árabe e o francês. Segundo especialistas, existem mais de 7 mil idiomas no mundo, sendo o árabe um dos cinco mais difíceis de se aprender. O trabalho não nos permite estudar em uma escola de idiomas, pois isso demanda muito tempo. Entretanto, já conseguimos cumprimentar as pessoas na língua local, o que quebra o gelo e nos permite ter mais contato com elas.

Atualmente sou diretor da ADRA nessa região. Temos escritórios em seis países: Lêmen, Iraque, Líbano, Síria, Sudão e Tunísia. A maioria dos projetos são de resposta a emergências. Neste momento há conflitos no Lêmen, na Síria e no Iraque. Nossa agência tem desenvolvido programas que visam atender necessidades básicas de seus beneficiários. Reparamos a infraestrutura de casas, escolas e prédios na cidade de Damasco, para que sejam ocupados por pessoas que perderam tudo na guerra civil. Além disso, distribuímos alimentos, roupas de inverno e vales para que elas possam comprar itens de sua necessidade. No Líbano, as crianças refugiadas providas da Síria não têm oportunidade de se matricular em uma escola do governo por falta de vagas, pois a estrutura local não é suficiente nem para atender a demanda dos alunos libaneses. Em virtude disso, a ADRA mantém uma escola para ensinar cerca de 100 crianças.

Por sua vez, no Sudão e na Tunísia, além de projetos específicos de emergência, nossa agência também desenvolve

programas de desenvolvimento. No Sudão damos apoio às iniciativas de agricultura familiar e, na Tunísia, atendemos refugiados sírios, iraquianos e líbios, a fim de prepará-los para o mercado de trabalho.

Esta é uma região muito bonita, de cidadãos amáveis e hospitaleiros, assim como é descrito na Bíblia. Às vezes somos apresentados a pessoas que, tão logo nos conhecem, convidam-nos para estar em sua casa, tomar uma refeição juntos, conversar e fazer amizade. Sim, também existem lugares em que os moradores são mais reservados quanto a estrangeiros. No entanto, eu diria que geralmente encontramos pessoas muito corteses.

Embora vivamos em um mundo dominado pelo islã, onde o cristianismo é visto como religião corrupta, temos a certeza de que o Senhor está nos conduzindo. Nós nos apegamos às lindas promessas da Palavra de Deus, como a que encontramos em Gênesis 28:15 que diz: “E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque não te deixarei, até que haja cumprido o que te tenho falado.” Essas palavras ditas a Jacó ainda ecoam como um bálsamo e nos enchem da certeza de que o Senhor nos acompanha sempre.

Aproveito este relato para fazer-lhes um pedido: ore por esta região, pelos nossos irmãos e obreiros e, de forma especial, pelos irmãos muçulmanos.

Gunther Wallauer
Diretor da ADRA na União do
Norte da África e Oriente Médio



Cortezia do autor

Dormindo na rede

No mundo virtual, é imprescindível saber manejar bem as mídias sociais. Precisamos estar atentos para não ser surpreendidos “dormindo na rede”, enquanto deveríamos estar vigiando. Por isso, compartilho algumas dicas que julgo apropriadas a fim de evitar problemas que atentem contra a imagem do nosso ministério e de nossa igreja.

Não existe privacidade na rede. Mesmo tomando cuidado, informações privadas se tornam públicas. Quanto mais informação postada, quanto maior é o número de contatos, menor é a privacidade.

Preserve sua integridade. Transparência e honestidade são valores a ser observados. Mesmo assim, tenha cuidado com a exposição em demasia. Depois que algo é publicado, não é possível voltar atrás. Mesmo em ambiente particular ou familiar, corremos o risco de em algum momento sermos considerados inadequados. Por isso, não permita que sejam feitas fotos ou filmagens que, nas redes, possam ser mal interpretadas.

Esteja atento à invasão de privacidade. Mesmo que você não se sinta uma celebridade, nas redes, existem muitas pessoas que desejam saber mais do que o necessário sobre você. Crie barreiras contra a exposição. E o contrário também é verdade: respeite o direito de privacidade e confidencialidade do outro.

O virtual gera consequência no mundo real. Não existe um “eu-virtual” e um “eu-real”. Não existe um “eu-particular” e um “eu-público”. Todos serão vistos como

uma mesma pessoa. Saiba que tudo que ocorre no mundo virtual de alguma forma pode gerar consequências na vida real.

Cuide com seus contatos e grupos. Aqui poderia se aplicar aquele velho ditado popular: “Diga-me com quem tu andas e eu te direi quem és”. Seus contatos dirão quem você é! Os grupos e links que seguimos e curtimos falarão muito sobre nosso caráter.

Filtre mentiras e falsos perfis. Não responda a mensagens anônimas nem compartilhe informações de fontes duvidosas. Não dê crédito a boatos. Certifique-se sobre as informações e os perfis com quem tem contato. Antes de postar ou responder críticas, veja se realmente é relevante. O silêncio quase sempre é a melhor alternativa. Respostas inadequadas podem reverberar muito tempo, gerando uma série de problemas.

Tenha propósitos claros. Na internet, a falta de objetivo é o maior perigo. Jamais use as mídias sociais como simples entretenimento. Existe muito lixo no mundo virtual com poder para destruir vidas reais. Pornografia, jogos *online*, materiais ofensivos, o lado misterioso e desconhecido da web faz cada vez mais vítimas. Muitos não se dão conta, mas tudo na rede, quando acessado ou postado, está sendo gravado, e pode ser exposto a qualquer momento.

Não faça comentários ofensivos a pessoas ou instituições. As redes sociais não são um divã, nem mesmo um fórum político. Não são locais para desabaços,

repreensões ou críticas. Cuidado com postagens que possam ser censuráveis, falsas ou enganosas. Em caso de dúvida, siga o princípio bíblico que orienta o contato pessoal em questões de desarmonia.

Não expresse opiniões desnecessárias. Em situação de conflito, reflita no posicionamento oficial de sua organização. Existem muitas polêmicas espalhadas na rede. O fato de ser polêmico já é a dica para não se fazer comentários. Podemos ser mal interpretados. Use o bom senso, principalmente em temas sensíveis. Brigas e discussões nunca produziram nenhum benefício.

Não tente impressionar. A moda da ostentação é apenas para o mundo secular. Tentar impressionar através das redes sociais pode não ser a melhor alternativa. Evite essa prática até mesmo se seu objetivo for apresentar relatórios do trabalho realizado. Essa não é a melhor ferramenta.

Proteja seu ministério. Embora o pastorado tenha suas dificuldades peculiares, não enfatize isso na internet. Muitos não compreenderão seu ponto de vista. Se perceber que se expôs inadequadamente, busque o reparo rapidamente. Se possível, retire a postagem, deixe claro sua intenção de se corrigir.

Ao tomarmos esses cuidados, estamos protegendo não apenas nosso ministério, estamos protegendo a organização a que pertencemos e o ministério de outros colegas. Considere que nosso adversário anda sempre em derredor (1Pe 5:8), por isso, todo cuidado é pouco. **TM**



William de Moraes

Pronto para **liderar**

Livro apresenta dicas práticas para superar os desafios da liderança

Ao olhar rapidamente uma livraria física ou virtual, torna-se impossível não notar a grande quantidade de obras que abordam temas relacionados à liderança. São muitos os livros que apresentam esse assunto de modo profundo, didático e com dicas práticas de implementação de conceitos. Uma das obras que se encaixa nessas características é *Socorro! Estão me seguindo* (CPB, 2013, 144 p.).

O autor, Clinton A. Valley, é doutor em Educação e tem experiência como pastor, educador e administrador de igreja. Nascido em Trinidad, no Caribe, teve a oportunidade de trabalhar em sua terra natal, na Inglaterra e também nos Estados Unidos. Sua vasta experiência de mais de 30 anos de trabalho e seu conhecimento teórico se unem de modo brilhante em seu livro, resultando num material imprescindível para líderes cristãos.

É bem verdade que o autor menciona algumas situações referentes à dinâmica organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Entretanto, os princípios apresentados se aplicam a qualquer contexto de liderança, desde o lar até uma grande companhia multinacional.

Socorro! Estão me seguindo é dividido em 12 capítulos, todos eles terminados com três perguntas para discussão, algo que favorece o estudo do livro em grupo. Os dois primeiros capítulos apresentam uma definição de liderança e abordam o conceito do chamado espiritual. A partir da experiência do profeta Micaías, Valley identifica as três características essenciais das pessoas chamadas por Deus.

Por sua vez, o terceiro capítulo trata sobre a meta do líder. Conjugando a



experiência de Elias no monte Carmelo à descrição da comunidade cristã apostólica de Atos 2, o autor apresenta pontos essenciais a ser buscados por igrejas e líderes cristãos da atualidade.

No capítulo quatro, Valley reflete sobre o propósito da organização. A fim de fugir daquilo que chama de “mentalidade do gafanhoto”, metáfora extraída da experiência dos dez espias que influenciaram a opinião pública do povo de Israel após o Êxodo, provocando a peregrinação no deserto por 40 anos, o autor destaca a busca pelo crescimento pessoal e institucional.

Os capítulos cinco e seis tratam do perfil do líder cristão. Tendo por base o texto de 1 Timóteo 3, Valley explora a compreensão paulina a respeito do tema e a aplica ao contexto contemporâneo, sem perder de vista o propósito final desse conceito.

O sétimo e o oitavo capítulos abordam dois temas de grande importância na temática da liderança: a eficácia e

a excelência. O autor se dedica a apresentar os elementos essenciais para o alcance dessas duas condições. Por sua vez, os três capítulos seguintes falam dos valores da liderança de equipe (nove); da condução de mudanças e superação de resistência às mudanças dentro da organização (dez); e de dicas acerca de como lidar com as divergências e os conflitos (onze). No último capítulo, Clinton Valley relata seu maior desafio como líder, quando assumiu uma tradicional escola adventista da Inglaterra à beira da falência e reverteu o quadro.

A obra tem um apêndice contendo uma seleção de citações de Ellen G. White sobre liderança e, em sua bibliografia, consta uma extensa lista de livros fundamentais para aqueles que desejam aprofundar-se ainda mais no tema.

O livro *Socorro! Estão me seguindo* contém algumas características que sobressaem. A primeira é sua fundamentação. Quem é familiarizado com a matéria vai perceber que os conceitos discutidos por Valley estão contidos nas principais obras de referência do assunto. A segunda é sua objetividade. O autor apresenta as questões essenciais da liderança com precisão cirúrgica. A última é sua aplicabilidade. Longe de ser um livro de reflexão teórica sobre liderança, embora seja perceptível que Valley é um pensador da área, cada capítulo apresenta dicas certeiras de como se aperfeiçoar na arte e no ofício de liderar.

Essa obra é leitura obrigatória para líderes que estão à frente de igrejas e instituições eclesiais, e também para aqueles que desejam exercer sua liderança cristã em contextos seculares. **M**

Aos amigos



Gentileza do autor

Em 2005, depois de muita reflexão, aceitei o chamado para integrar a equipe de secretários ministeriais da Associação Geral da Igreja Adventista, em Silver Springs, Estados Unidos. Pouco depois, compartilhei minha decisão numa palestra dirigida a um grupo de estudantes do Seminário de Teologia onde lecionava. Lembro-me do questionamento de um dos meus alunos depois que lhes disse como estava tenso ao tomar minha decisão: “O que tem lá para você estar tão preocupado assim? A Associação Geral é o auge do sucesso!”

Tenho pensado muito a respeito daquela pergunta e de suas ramificações, ainda mais agora, quando estou de mudança para a Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, onde servirei como professor no Departamento de Ministério Cristão do Seminário Adventista de Teologia.

Três perguntas

Meu processo de raciocínio enquanto considerava esse chamado para a Andrews não diferiu do de milhares de vocês que estão lendo este texto. Posso resumí-lo em três perguntas:

Essa é a vontade de Deus? Confesso que enquanto me questionava, não pude deixar de pensar no impacto que tal decisão exerceria sobre minha família, minhas finanças e meu futuro. Minha esposa e nossos dois filhos participaram intensamente do processo. Embora esses fatores desempenhem um importante papel, eles não devem determinar o rumo a seguir. O que deve prevalecer é: “O que Deus quer que eu faça?”

Estarei glorificando a Deus por meio dos dons que Ele me dá? Logo após concluir a Faculdade de Teologia, senti o chamado divino para lecionar. Durante mais de 30 anos, o Espírito Santo tem alimentado esse dom dentro de mim. Após ter fugido desse chamado, o Senhor colocou várias pessoas em meu caminho que confirmaram essas impressões a meu respeito, e os anos de ministério me prepararam para esse próximo desafio.

Será que Deus deseja me conceder mais fé em minha caminhada? Às vezes a jornada exige que nossa fé seja provada além do que poderia suportar. Quando nos mudamos do Texas para Maryland enfrentamos enormes desafios, mas o Senhor provou que era muito maior do que eles.



**Os dons
que Ele nos
concede serão
identificados,
reconhecidos e
empregados –
não para nossa
glória, mas
para glória de
Deus e bênção
da igreja.”**

Creio que, ao longo do ministério, todos precisamos rememorar a dimensão da grandeza de Deus. Responder a um chamado redireciona o foco do âmbito profissional ou das considerações pessoais para as realidades espirituais, e a espiritualidade e o crescimento pessoal continuam sendo as armas mais poderosas no arsenal ministerial, independentemente do papel do ministro.

Três conselhos

O aluno a quem me referi na introdução não é o único a pensar daquela maneira. Algumas pessoas apreciam títulos e distinções (“Eu sou o pastor titular da...”, “Tive o privilégio de batizar centenas de pessoas no ano passado”). Muitos consideram essas realizações dignas de promoção. Entretanto, para nós, pastores, o foco deve permanecer no chamado para o serviço. Manter o foco no chamado e não na posição cria um ambiente saudável para abençoar o povo de Deus.

Não devemos nos esforçar para buscar um “chamado superior”. Talvez alguém saiba que somos aptos a preencher uma posição a que muitos aspiram. No entanto, a fé exige que nós deixemos Deus ser Deus, permitindo que o Espírito Santo conduza a mente dos administradores. Os dons que Ele nos concede serão identificados, reconhecidos e empregados – não para nossa glória, mas para glória de Deus e bênção da igreja.

Finalmente, embora tenha sido uma grande honra servir nos escritórios da Associação Geral, não vejo isso como o fim da minha experiência ministerial. A sala que ocupei não é minha; ao contrário, foi apenas meu espaço de trabalho por um tempo.

Última palavra

Muitas pessoas devem ser lembradas e agradecidas, porém um parágrafo ou dois são insuficientes para listá-las. Contudo, devo expressar minha gratidão a todos os secretários ministeriais das 13 Divisões mundiais da Igreja Adventista, a seus associados e suas equipes, bem como aos diversos pastores e professores que conheci ao longo desses últimos 10 anos e meio. Que Deus abençoe a todos. **W**

Willie Hucks

Foi editor associado da Ministry por quase 11 anos. Atualmente é professor na Universidade Andrews

ELLEN G. WHITE

A CAMINHO DO *Lar*

MEDITAÇÕES DIÁRIAS

Dia a dia com Deus

Devocionais 2017

A Caminho do Lar é uma seleção de textos que abrange alguns dos principais temas sobre os quais Ellen G. White escreveu ao longo de seu ministério profético. Alguns dos assuntos apresentados incluem entrega e aceitação, vitória em Cristo, união da igreja e o grande conflito.

ELLEN G. WHITE (1827 - 1915) É autora de mais de 130 livros, muitos deles compilados e publicados após sua morte, com base em seu extenso arquivo de manuscritos. É uma das escritoras mais traduzidas do mundo – há obras suas em mais de 150 idiomas. Inspirada por Deus, ela exaltava Jesus e sempre apontava para as Sagradas Escrituras como a base de sua fé.

Siga o
↑
Mestre

A cada dia, os ensinamentos de Jesus irão lhe indicar o trajeto seguro para a casa do Pai. Somente siga o Mestre e você não se perderá por atalhos perigosos.

Vivendo Seu
Amor



Ao ler este devocional, você encontrará histórias incríveis de mulheres que aprenderam a viver na prática o amor de Jesus e descobrirá a alegria de servir a um Deus que ama incondicionalmente.

0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora